

Anais do

I ENCONTRO
DE ARTE E
CULTURA
DA UFRJ

FÓRUM DE
CIÊNCIA E
CULTURA
UFRJ

2019

E56a Encontro de Arte e Cultura da UFRJ (1. : 2019 : Rio de Janeiro, RJ)
Anais do I Encontro de Arte e Cultura da UFRJ [recurso eletrônico]. – Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 2020.
1 recurso eletrônico (117 p.)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-88388-01-3

1. Arte. 2. Cultura. 3. Política cultural. 4. Difusão cultural. I. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
II. Título.

CDD: 306.4

FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA - 2020

Presidente do FCC

Reitora Denise Pires de Carvalho

Coordenador do FCC

Tatiana Roque

SUPERINTENDÊNCIA DE DIFUSÃO CIENTÍFICA E CULTURAL

Superintendente de Difusão Cultural

Adriana Schneider Alcure

Diretora de Produção

Camila Costa

Produtores Culturais

Adolfo Lachtermacher

André Aguiar Protásio

Daniel Ruiz

Julia Ricciardi Lima

Patrícia Pizzigatti Klein

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO

Superintendente de Comunicação

Bruna Rodrigues

Programação Visual

Lila Montezuma

Jose Antonio de Oliveira

Diretor de Fotografia

Tuker Marçal

Fotografia

Bira Soares

Eneraldo Carneiro

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO (PR5)

Pró-Reitora de Extensão

Ivana Bentes Oliveira

PRÓ-REITORIA DE POLÍTICAS ESTUDANTIS (PR7)

Pró-Reitor de Políticas Estudantis

Roberto Vieira

FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA - 2016/2019

Presidente do FCC

Reitor Roberto Leher

Coordenador do FCC

Carlos Bernardo Vainer

SUPERINTENDÊNCIA DE DIFUSÃO CIENTÍFICA E CULTURAL

Superintendente de Difusão Cultural

Patricia Dorneles

Assessora Técnica

Vera Barradas

Diretora de Produção

Camila Costa

Produtores Culturais

Adolfo Lachtermacher

André Aguiar Protásio

Daniel Ruiz

Julia Ricciardi Lima

Patrícia Pizzigatti Klein

Bolsista

Catharine Barreto

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO

Superintendente de Comunicação

Bruna Rodrigues

Programação Visual

Lila Montezuma

Diretor de Fotografia

Tuker Marçal

Fotografia

Bira Soares

Eneraldo Carneiro

Bolsista de Jornalismo

Victor Terra

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO (PR5)

Pró-Reitora de Extensão

Maria Malta

Produtora Cultural

Marize Figueira

PRÓ-REITORIA DE POLÍTICAS ESTUDANTIS (PR7)

Pró-Reitor de Políticas Estudantis

Luiz Felipe Cavalcanti

Produtora Cultural

Jéssica Luz

Introdução	07
Eixo 1 • Artes e Ciências	09
Eixo 2 • Artes, Criação e Difusão	27
Eixo 3 • Artes, Culturas Populares e Saberes Tradicionais	43
Eixo 4 • Arte, Cultura e Tecnologia	49
Eixo 5 • Arte e História	53
Eixo 6 • Artes, Identidades e Diversidade Cultural	59
Eixo 7 • Ensino de Artes - Educação Básica e Ensino Superior	63
Eixo 8 • Inclusão, Acessibilidade e Cidadania Cultural	73
Eixo 9 • Intervenções Artísticas e Espaço Urbano	91
Eixo 10 • Juventude, Cultura Popular e Periferia	95
Eixo 11 • Mediação em Espaços Culturais	99
Eixo 12 • Política, Gestão, Produção e Difusão	103
Anexos	113

O I Encontro de Arte e Cultura da UFRJ, evento realizado em parceria entre o Fórum de Ciência e Cultura (FCC), a Pró-Reitoria de Extensão (PR5) e a Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR7), foi realizado entre os dias 3 e 7 de junho de 2019. Ele teve por objetivo reunir e mapear as diferentes iniciativas artísticas e culturais desenvolvidas pela instituição no âmbito da pesquisa, ensino e extensão bem como aquelas desenvolvidas por universitários através de coletivos autônomos, iniciativas sindicais e de técnicos administrativos. Tratava-se, portanto, de uma oportunidade para visualizar o quadro atual das iniciativas artísticas e culturais realizadas dentro da nossa universidade.

O objetivo deste Encontro foi buscar temas comuns e possibilitar a construção de redes e aproximação entre as diversas iniciativas já existentes em diferentes esferas da universidade. Além disso, buscou-se encontrar elementos para a criação de indicadores que auxiliarão na avaliação da Política Cultural, Artística e de Difusão Científico-Cultural da UFRJ, sintetizada no documento intitulado *Você Faz Cultura*, em vigor desde 2014, quando foi aprovada pelo Conselho Universitário – CONSUNI. Desde então, coube ao FCC a atribuição de articular e promover a execução desta política, que deve atender e atingir a UFRJ no seu conjunto.

A realização do I Encontro de Arte e Cultura foi também uma oportunidade para avaliar os resultados alcançados nos primeiros anos de implementação desta política cultural, instrumento inédito em nossa história institucional e que, de certa forma, consubstancia um protagonismo da UFRJ no cenário de políticas culturais das universidades públicas do país.

O convite feito a toda comunidade universitária buscava promover debates e provocar reflexões em torno das pautas que envolvessem as diferentes temáticas da área cultural. Era nossa intenção também possibilitar a articulação de redes de cooperação em torno do fomento e difusão destas iniciativas e a construção de uma base de informações sobre a realização e a produção artístico-cultural da UFRJ a fim de se construir indicadores, qualificando desta forma o planejamento da política cultural de nossa instituição.

A programação do I Encontro de Arte e Cultura da UFRJ foi composta por mesas-redondas, reuniões públicas e rodas de conversas. As mesas-redondas e reuniões públicas foram formadas com colaboradores convidados. Estas atividades buscavam abordar temas centrais no cenário de políticas públicas voltadas para a arte, difusão científica e cultural no presente momento, bem como aqueles que fazem parte da estruturação da política cultural em tela. A programação completa pode ser consultada no anexo I.

Já para as rodas de conversas, a proposta girava em torno da apresentação das iniciativas inscritas, dentro de um modelo mais horizontal e dialógico para as trocas. As iniciativas deveriam expor as propostas artísticas e culturais desenvolvidas na instituição no âmbito da pesquisa, ensino e extensão bem como aquelas desenvolvidas por universitários através de coletivos autônomos, iniciativas sindicais e de técnicos administrativos. Para esta edição, foram definidos doze eixos para inscrição, que estão elencados no anexo II.

No total, foram recebidos cerca de cem trabalhos que serão apresentados nas próximas páginas. Desejamos a todos uma boa leitura!

ALEVANTA, BOI ESTRELA! -- UM AUTO EM CORDEL PARA A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

Autora: Gabriela de Assis Costa Moreira

Contato: assiscostamoreira@gmail.com

Neste trabalho, explora-se o processo de criação da peça o Auto do boi estrela para apresentação no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAst), no contexto da atividade contando mitos. Partindo de questões levantadas acerca da forma como a relação teatro-ciência era abordada pela atividade, esta peça absorve a experiência do processo de criação teatral para fomentar em atores e público questões acerca dos estereótipos étnico-culturais que vigoram na nossa constituição como nação desde a colonização e na formação da cultura científica. Três planos de ação foram estabelecidos, baseados no teatro de rua e na cultura de cordel: o plano técnico do teatro, o plano simbólico da cultura e o plano simbólico do indivíduo. Esses três planos se propunham problematizadores para atores /mediadores e público, de forma a instaurar as seguintes questões: que ciência é essa que escolhemos como legítima? Como uma peça teatral pode contextualizar a cultura científica em si? E, principalmente, quem somos nós, que fazemos essa cultura? Trabalhou-se o processo de criação do ponto de vista do individual (a formação e evolução dos mediadores como agentes de criação), e coletiva (na transposição de incorporação de novos olhares, mais plurais e menos pragmáticos, acerca da cultura científica abordada na peça). Esta proposta incorporou princípios e correntes teóricas de áreas diversas, problematizando as definições estáticas e pragmáticas da ciência cartesiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, José Gustavo Sampaio. **Teatro de Rua**. São Paulo: Giotri n.1, 2014, 124 p.

GARCIA, José Gustavo Sampaio. **O Processo de Criação em artes cênicas como pesquisa: uma narrativa em dois atos**. Tessituras & Criação - n 1. [suporte eletrônico] Disponível em: Acesso em 10/07/2018.

ANÁLISES DA OBRA DE ARTE – TRANSDISCIPLINARIDADE COMO PERSPECTIVA DA CIÊNCIA

Autores: Marilene Corrêa Maia, Jessica Bondarczuk e Roberto Carlos da Conceição

Contato: marilene_maia@hotmail.com

Na atualidade, várias são as áreas de conhecimento científico que podem contribuir para o estudo aprofundado de uma obra de arte. Além do estudo de contexto de produção e da biografia do artista, outros aspectos podem ser analisados através de uma série de exames e estudos especiais. conjunto dos vários estudos envolvendo história, história da arte, história da arte técnica, microbiologia, microscopia óptica, exames com radiações especiais, dentre outros, nos permitiram conhecer a obra em profundidade e suas deteriorações de maneira dar subsídios a uma proposta de restauração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOURS, Madeleine. **Analyse scientifique et conservation des peintures**. Fribourg: Office du Livre, 1976. 128p. (Decouvrir, Restaurer, Conserve).

MORA, Paolo; MORA, Laura; PHILIPPOT, Paul. **Conservation of wall paintings**. London: Buaerworths, [19-]. 494p. (Buaerworths Series in ConservaAon and Museology).

ARTE, CIÊNCIA E PAISAGEM

Autor: Raphael David dos Santos Filho

Contato: raphaelfilho@gmail.com

APRESENTAÇÃO

« Soldats, pensez que du haut de ces pyramides, quarante siècles vous voient! »
(Napoleão Bonaparte, 1798)

A interpretação da Paisagem em sua interação com o conceito de Arte. São discutidos os conceitos e as práticas antrópicas que se dão na paisagem e as suas implicações para a geoconservação de ambientes de valor estético, histórico e simbólico. A paisagem é importante para a cultura local e para os estudos em História da Arte e de Paisagismo e o seu conhecimento é indispensável à sua preservação ambiental e cultural, assegurando a participação e a dignidade social à Comunidade.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Estudo de Paisagens de interesse científico e/ou estético a partir de um referencial que considere simultaneamente o seu valor de uso e o simbólico para determinação de parâmetros físicos e estéticos que permitam a sua monitoração, preservação e manutenção na Região Sudeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto propõe ações de consolidação da imagem da paisagem junto à Comunidade para o estabelecimento de um maior sentimento de pertencimento (SANTOS FILHO, 2014) do público (visitantes, moradores e comunidades nas áreas de estudo). As reflexões interdisciplinares (Geomorfologia, Artes Visuais e outras) geram novos saberes (GUERRA et al., 2019) e proporcionam aos discentes da UFRJ envolvidos a ampliação de seu conhecimento técnico-científico e a sua formação cidadã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS FILHO, R.D.(Org.) **Lugares de Memória. Vassouras do conhecimento crítico à apropriação do pela comunidade do seu patrimônio**, Rio de Janeiro, Riobooks, 2014.

SANTOS FILHO, Raphael David; GUERRA, Antônio José Teixeira; FULLEN, Michel; JORGE, Maria do Carmo Oliveira. **Geodiversity, Geotourism and Geoconservation: Trails in Serra da Bocaina National Park**, Rio de Janeiro State, Brazil. Viena, European Geosciences Union (EGU) General Assembly 2015.

GUERRA, Antonio José Teixeira Guerra; TERRA, Carlos Gonçalves; SANTOS FILHO, Raphael David dos. (Org.) **Arte e Ciência. História e Resiliência da Paisagem**, Rio de Janeiro: Riobook's, 2019 (no prelo).

CIÊNCIAARTE E VIDEOARTE – UMA UNIÃO POSSÍVEL NA ERA DA CIVILIZAÇÃO DA IMAGEM

Autora: Ana Beatriz Acioli Mendes

Contato: anaacioli55@gmail.com

A partir do projeto extensionista “P-a-r-a-n-d-a: caminhos de curto circuito, alumbramentos do olhar” da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ), em parceria com o Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz (IOC), apresentamos a proposta de interligar ciência e arte por meio das técnicas e estudos das duas áreas. O projeto artístico partiu das minhas relações dos estudos acadêmicos de história da arte e de música com as experiências no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB) no Grupo de Pesquisa: cultura, arte e promoção de saúde, orientadas pelo Dr. Marcio Mello. Com o termo dado por Milton Santos em 1994, é de se entender que vivemos em constante invasão de uma civilização da imagem cuja intenção é interferir nos comportamentos das pessoas por causa do peso gritante do visual em cima dos outros meios. Seria a predominância do bombardeamento de imagens devido à expansão dos meios tecnológicos que nem sempre as adquirimos voluntariamente, acabando muitas vezes retendo por segundos, como o sistema de *timeline* das redes sociais. Desta forma, a pesquisa tem como objetivos: possibilitar enxergar aquilo que é menosprezado por nossos ouvidos; demonstrar a facilidade de ver quando nos desconectamos dos aparelhos; reconhecer a videoarte como uma forma de expressão artística que relaciona a imagem com aquele que a assiste; elaboração dos vídeos atrás das músicas ou sons como fontes primárias. O trabalho é uma tentativa de projetar muito além de um monitor a partir das metodologias investigativa e interpretativa. A relação de campos diferentes e interpretação dos resultados, proporcionados pela coleta de informações e de vivências que desencadearam uma construção de conhecimento acerca do que está sendo investigado. Um estudo qualitativo e de experimento do fenômeno proposto através de ideias e ações.

REFERÊNCIAS

FANTASIA. Direção por Samuel Armstrong, et al., Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1940. 35mm, 124min.

MOZART in The Jungle. Direção de Paul Weitz. Nova Iorque, Estados Unidos: Amazon Prime Video, 2014-2018. Resolução 4K (Ultra HD).

SOUNDTRACK. Direção por Bernardo Dutra e Manitou Felipe. GLOBO Filmes: 2017, 112min.

CONHECENDO O CENABIO - CIÊNCIA, ARTE & EDUCAÇÃO

Autor: Daniel Meira dos Anjos

Contato: daniel.meira.anjos@gmail.com

O Centro Nacional de Biologia Estrutura e Bioimagem (Cenabio) é uma unidade da UFRJ, do Centro de Ciências Saúde/UFRJ. O Cenabio tem como missão promover a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade. Este Centro multiusuário conta com uma infraestrutura única na América Latina, além de constituir um centro de referência na pesquisa biomédica cumpre seu papel na propagação de uma educação inovadora, criativa e na divulgação da ciência ao grande público. O estudo das ciências possibilita ao indivíduo conhecer o universo, o mundo, a si próprio, e desvendar os fenômenos que se manifestam no meio ambiente. O professor de ciências precisa promover o aprofundamento do conhecimento científico e do desenvolvimento tecnológico. Para que isto aconteça, existe pelo menos um grande desafio: contribuição dos centros de pesquisa para que o conhecimento científico seja acessível a todos, estando inserido no processo de formação dos cidadãos. O Cenabio se propõe a desenvolver atividades direcionadas a docentes e discentes promovendo uma aproximação da comunidade acadêmica universitária e a escola.

OBJETIVOS

Oferecer oficinas que promovem uma educação inovadora e integrativa baseada em 4 pilares: ciência, arte, inteligência emocional e ação social para alunos do ensino básico da rede pública e privada, levando a universidade para fora de seus muros. Os temas centrais das oficinas são trabalhados de forma transdisciplinar através de experimentos científicos, jogos e dinâmicas de grupo, criação colaborativa de projetos e vivências. Materiais e métodos: foram realizadas 3 ações de extensão: uma no Colégio Estadual Martins Costa, na qual foi recebida toda a rede pública de São Pedro da Serra, na Região Serrana do RJ, atendendo a aproximadamente 250 crianças e jovens. A segunda oficina em rede pública foi feita no Colégio Municipal Compositor Luiz Gonzaga, um colégio que em sua maioria é composto por alunos residentes na Cidade de Deus, comunidade no município do RJ, onde foram atendidos aproximadamente 100 alunos. A terceira oficina foi realizada nas dependências do Cenabio, onde os alunos puderam vivenciar a rotina científica experimental do corpo técnico do Cenabio. Nesta oficina foi recebido um pequeno grupo de estudantes do Colégio Francisca Paula de Jesus, da rede privada de ensino, localizado no Cachambi.

RESULTADOS

Através da elaboração de oficinas “‘Ultrassom: vendo por dentro do corpo”, “Dna: vendo o invisível”, “Microscopia: o grande pequeno mundo”, “The X-Cell: câncer, causas, tratamento e prevenção”, “Viagem-sonora-imaginativa por dentro do corpo” e “Palestra vivencial sobre inteligência emocional”, uma nova abordagem educacional de arte e ciência foi levada para a sala de aula de centenas de alunos que puderam conhecer um pouco da universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que as oficinas foram de grande adesão e participação dos alunos. Ademais, temos o intuito de voltar de tempos em tempos para realizar novas oficinas nas escolas que já puderam receber o projeto uma vez.

DRAM-ATIZAÇÃO: UMA ALTERNATIVA PARA INTERVENÇÕES CTS NO ENSINO DE QUÍMICA

Autor: Daniel Paes da Silva

Contato: ddanyel.paes_silva@hotmail.com

O enfoque CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), tem por finalidade preparar o aluno para a tomada de decisões, para que esses possam ter uma postura cidadã frente aos avanços científico-tecnológicos.

Essa abordagem tem como premissa a formação do *bios politikus*, termo que se relaciona com o que designamos de *dram-atização*, (dram = agir), simbolizando que o teatro é arte política (ARENDDT, 2013). Demonstramos em nossa proposição uma experiência estética, nos referenciando em Schiller, o qual apresenta sua “teoria do belo” para algo mais imediato: os problemas políticos (BARBOSA, 2004, p. 18).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Os alunos pertencentes ao terceiro ano do Ensino Médio escolheram um tema de interesse social (agrotóxicos). A criação do enredo elaborada por eles permitiu a construção de cartas com conteúdo ficcional em grupos, que buscavam uma aproximação com a realidade local, sendo que cada grupo simbolizava, na sua escrita, o posicionamento de um ator social. Essa escrita fomentou um discurso, num debate realizado em aula, adiante os alunos promoveram uma apresentação teatral na qual foram autores e atores de seus atos. Essa exposição ocorreu para a comunidade escolar e ao final do processo, fizemos uma análise da leitura das cartas e debates para uma avaliação da proposta desenvolvida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse enfoque CTS promoveu a ressignificação de conceitos químicos pelos alunos por meio da *dram-atização*, ocorrendo o desenvolvimento de um olhar crítico, protagonismo e de preocupação com o bem estar geral. Os alunos sustentaram seus argumentos por meio de seus discursos de fácil compreensão por todos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
BARBOSA, R. **Schiller & a cultura estética**. RJ: Jorge Zahar Ed., 2004.

GEOASTRO-POÉTICAS: CONEXÕES ENTRE ARTE, GEOLOGIA E ASTRONOMIA

Autores: Gabriel de França Caetano e Matheus Xavier

Contato: gabrieldfranca07@gmail.com

“Geoastro-Poéticas” é uma proposição da artista e professora Mari Fraga, junto à também artista e professora Paula Scamparini, que coordena o Grupo de pesquisa em arte e ecologia (Gae) — corpo do qual faz parte o projeto. Uma extensão que se dedica à formação interdisciplinarizada de estudantes, ao aproximar campos particulares da arte com os da Geologia e Astronomia. A partir de encontros semanais, estudantes, artistas e pesquisadores vêm criando espaços de compartilhamentos e articulando teoria e prática artística. O processo também se nutre de trocas com outras áreas do conhecimento, através de visitas ao Museu da Geodiversidade e Observatório do Valongo, além de uma viagem de campo a Santana do Cariri (CE), na qual, junto à turma de paleontologia da UFRJ, o grupo vivenciou uma residência artística interdisciplinar, expandindo as possibilidades do ensino de arte dentro da universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 11ª edição, 2001.

TOLEDO, Víctor M., BARRERA-BASOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 1ª edição.

CAUQUELIN, Anne. **No ângulo dos mundos possíveis**. São Paulo: Martins Fontes, 1ª edição, 2012.

MISSÃO SUAT 17/2018: ORGÂNICA

Autores: José Henrique Moreira, Luciana Liege Bomfim Brito, Karla Gabriela Carreiro Soares Nogueira, Carolina Fariados Reis, Jordan Soares Rocha, Reinaldo Machado da Silva, Anna Luiza Padilha de Figueiredo.

Contato: jose.henrique@eco.ufrj.br

APRESENTAÇÃO

O Sistema Universitário de Apoio Teatral (SUAT) é um projeto multidisciplinar de apoio logístico à produção artística e cultural da UFRJ. Integrada por estudantes de diversos cursos de graduação. A equipe procura atender às necessidades de criação, montagem e operação de som e iluminação cênica, iluminação expositiva, consultoria de adaptação de espaços culturais e outras demandas semelhantes. O projeto funciona desde 2011 e já realizou quase duas centenas de ações junto a diversas unidades da UFRJ.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Orgânica: uma mostra temporária e comemorativa, ocupando uma sala de aula do corredor do Anatômico com as fotografias de Theberge e as peças usadas em sua produção. Partiu-se para uma visita de levantamento das dimensões e condições técnicas do espaço escolhido, a fim de elaborar o projeto expositivo e de iluminação. As opções estéticas adotadas consideraram a infraestrutura prévia e o objetivo de descaracterização da sala, de modo a causar surpresa ao visitante. A sala branca e austera foi transformada num espaço totalmente negro; as bancadas de anatomia, fixas, serviram de tótems para a exposição das fotografias montadas em placas de acrílico. A iluminação foi pontual, feita de cima com luminárias PAR 30 e focadas foto a foto. Ao final do percurso expositivo foi criado um espaço com todas as peças do acervo registradas nas fotografias, que podiam ser manipuladas pelos visitantes. Foi um trabalho em que o SUAT contribuiu não somente com a iluminação, mas também na curadoria, expografia e ambiência. A exposição introduziu, desse modo, a possibilidade de um novo olhar para a ciência, atrelado à arte, propiciando um aproveitamento de seu conteúdo na educação científica dos visitantes do museu. A exposição foi inaugurada em 19 de setembro de 2018 e desmontada em 15 de outubro do mesmo ano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCO, M. I. M. **Planejamento e Realização de Exposições**. Cadernos Museológicos, Volume 3. Brasília: IBRAM, 2018.

IBRAM. **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Pesquisa e elaboração do texto de Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão. Brasília: IBRAM, 2017. MIER, R.

Iluminação artificial em espaços museográficos: proposta de uma reflexão face à realidade contemporânea. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

MUSEÓPOLIS - UMA VIVÊNCIA MUSEAL LÚDICA

Autora: Paula Wienskoski

Contato: paulawienskoski@gmail.com

Em uma visão panorâmica, “Museópolis” pode ser definida como uma corrida entre quatro jogadores para construir, cada um deles, um museu de uma área do conhecimento específica e dentro de determinadas condições estipuladas nos objetivos. Essas condições (tais como obter certo número de visitantes e de peças acervo, contratar pessoas de equipe etc.) são tarefas que os jogadores vão executando enquanto percorrem o tabuleiro e visitam os museus concorrentes. À medida que o jogo se desenvolve, o jogador vai percorrendo a rua e os museus no tabuleiro, usando as notas de investimento para contratar funcionários, abrir uma loja, instalar banners na sua fachada, comprar ou negociar peças de acervo, reunindo visitantes a fim de obter todos os itens do seu objetivo e alcançar a vitória. Tem como objetivos: difundir acervos e espaços museais brasileiros, conectar acervos de todas as áreas de conhecimento com a ciência, estimular a participação dos jogadores no processo de construção de um museu; trocar experiências sobre os espaços museais e fomentar o debate sobre o uso de jogos como ferramenta de divulgação científica dentro e fora dos espaços museais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATEMAN, Chris. **21st. Century Game Design**. USA: Charles River Media, 2005.

CAILLOIS, Roger. **Man, Play and Games**. USA: University of Illinois Press, 2001.

MÚSICA E CIÊNCIA-UMA REFLEXÃO ARTÍSTICO-CIENTÍFICA

Autora: Maria Beatriz Licursi Conceição

Contato: musicafeliz@terra.com.br

Neste trabalho nos propomos a refletir sobre os setores das ciências que se relacionam diretamente com a arte musical seja como ouvinte ou performer. Ouvir música estimula a liberação do neurotransmissor dopamina devido ao sistema de recompensa do cérebro proporcionando a sensação de bem estar. As experiências musicais ativam as áreas sensoriais e motoras desenvolvendo as habilidades da audição, coordenação motora assim como a capacidade de memorizar e atenção. A música sempre foi importante e esteve sempre presente na história da humanidade. Podemos afirmar que a arte musical alicerçada na interdisciplinaridade incorpora a educação á ótica da ciência e da cultura apresentando a arte como um mecanismo histórico e social. A música está conectada intimamente aos grupos sociais enquanto meio ou sinal de distinção. Constatamos que a educação musical envolve produção artística, apreciação, contextualização e compreensão das artes como construção cultural e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Dmitri. <https://pintofscience.com.br> , 2018.

LEHRER,J. **Proust foi um neurocientista. Como a arte antecipa a ciência.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

LEINIG, C.E. **A música e a ciência se encontram.** Curitiba: Juruá,2009.

O LUGAR DA ARTE NA FORMAÇÃO DO TRABALHO EM SAÚDE

Autora: Pilar Rocha Rodrigues

Contato: pilarocha@gmail.com

O Laboratório de Sensibilidades e Devires - LSD da UFRJ é uma iniciativa inspirada no laboratório de sensibilidades da Unifesp de Santos e compõe um grupo de laboratórios de sensibilidades espalhadas pelo Brasil. É um projeto de extensão que agrega cinco ações, a saber: “inteligência coletiva” – “clube dos saberes; minha vida dá um livro” – “memória e escuta, narrativa e silêncio”; “encontro com pessoas - quem chegar primeiro vai embora”; “corpo e aura a céu aberto - interferências e experiências de arte”; e “politiquim - encontros da esquina entre arte e política. em linhas gerais”. O LSD pretende se constituir como um articulador de redes, um germinador de produções e, sobretudo, como um espaço de múltiplas experimentações, bem como criar canais de expressão e (re)significação de vivências do cotidiano acadêmico, demasiadamente compartimentado e pouco implicado com o impacto afectivo gerado nos sujeitos, visto que é impensável aprender sem ser afetado pelas relações. Em síntese, pretende-se com o Laboratório de Sensibilidades e Devires instituir um campo que possa alargar o sensível, com conseqüente redução das defesas que costumam fechar este trânsito e passagens, ao mesmo tempo em que se ofereçam recursos para lidar com tal ampliação. Lançar mão de dispositivos que possam tocar – a partir do desconhecido – na percepção do momento de encontro com o outro, e sobretudo, com o encontro de si mesmo nessa partilha imediata. Entendemos os encontros disparados por cada uma das ações do laboratório como tempo-espaço-interferência. Aqui, escolhemos deliberadamente a definição para interferência que a localiza, a partir do latim, como processo de produção de feridas e escoriações mútuas, necessárias entre corpos que se dispõem à experiência do encontro. “Há que se cortar da própria carne um bom pedaço, para que caiba em nós um tanto do que é o outro, ou do que podemos vir a ser, entrecorpos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MERHY, Emerson Elias. GOMES, Paula Cerqueira. **Pesquisador IN-MUNDO: estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental.** Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

O TEATRO E A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO SOCIOEDUCATIVA DA ENFERMAGEM PEDIÁTRICA

Autores: Eduardo A.J. C. F. Lucas e Lucas Lima de Carvalho

Contato: lucaslimac17@gmail.com

Projeto com interface ensino/pesquisa/extensão voltada à produção cultural utilizando a educação popular como tecnologia do cuidar para promoção da saúde. Tem como foco de observação crianças de 6 a 12 anos, matriculadas em escolas de ensino fundamental no município do Rio de Janeiro. Atua em parceria com uma clínica da família localizada na Cap 3.1, estando inserido no programa saúde na escola.

OBJETIVOS GERAIS

Desenvolver atividades de educação em saúde na modalidade lúdico-teatral; analisar os significados que as crianças atribuem a determinadas práticas de promoção da saúde. Em relação ao seguimento extensionista: as atividades aconteceram nas escolas vinculadas à clínica da família ou na própria clínica. Nas escolas vinculadas, as crianças foram estimuladas à escolher os finais das apresentações temáticas, tendo todas as peças, finais alternativos previamente definidos pela equipe do projeto. Além disso, foram desenvolvidas oficinas de criação para planejamento, preparo e execução de peças, confecção de figurinos e cenários e realização de exercícios teatrais, favorecendo assim o protagonismo infantil. No ambiente da clínica da família, trabalhou-se com um grupo de crianças convidadas à participar de reuniões, onde aconteceram apresentações teatrais com temáticas em saúde e as mesmas oficinas de criação.

RESULTADOS PRELIMINARES

Identificamos necessidade de potencialização da educação em saúde, visando uma maior interação da escola/família/comunidade, para redução dos agravos a saúde dos escolares, bem como a melhora de ações preventivas. As experiências que acumulamos revelam que o escolar tem capacidade incrível de reflexão/crítica da realidade a despeito do que muitas pessoas imaginam. Isto se revela pelo interesse/mobilização/criatividade das crianças nas atividades.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Vislumbramos que o projeto promove a interdisciplinaridade, reforçando a importância do empoderamento desses sujeitos nas práticas de promoção da saúde na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUCAS, Eduardo Alexander Julio Cesar Fonseca. **Os significados das práticas de promoção da saúde na infância: um estudo do cotidiano escolar pelo desenho infantil. 2013.** Tese Doutorado em Saúde Materno-Infantil - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ORGÂNICA: EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DO MUSEU DE ANATOMIA

Autoras: Ludmila Ribeiro e Juliana Theberge

Contato: ludmila@icb.ufrj.br

Orgânica é a exposição fotográfica produzida por Juliana Theberge junto ao Museu de Anatomia do Instituto de Ciências Biomédicas (ICBio–UFRJ), realizada como estratégia didática do projeto de extensão “Ciência para sociedade”, que atua com visitas escolares ao museu. O Museu de Anatomia tem por objetivo ampliar o acesso ao conhecimento da anatomia humana, através do acervo de peças anatômicas.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Com 27 fotografias, a exposição revela a percepção e registro das texturas e formas encontradas nos ossos e peças anatômicas humanas, juntamente com elementos da flora e paisagem da Ilha do Fundão (UFRJ). Unifica as interfaces artística e científica por meio do desafio plástico da integração, diálogo e coexistência entre o corpo, que a nós pertence, e os organismos vegetais, que nos circundam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comemorando o 1o ano do Museu e a 12a Primavera dos Museus (19/09-15/10/18), a exposição teve 517 visitantes e tem sido difundida em outros eventos de divulgação científica como no Espaço Ciência Viva e com convite para a Casa da Ciência (UFRJ).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, D. M. D. **Arte e anatomia humana: uma relação entre ensino e espaços não formais**. Tese de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.

PEDAGOGIAS DA IMAGEM

Autor: Gabriel Cid de Garcia

Contato: gcidgarcia@gmail.com

As imagens em movimento e as tecnologias a ela associadas estão presentes em diversos setores da vida cotidiana e em múltiplas expressões da cultura contemporânea. Diante do protagonismo das produções audiovisuais, tendo em vista o contexto das atividades de divulgação científica e cultural, as iniciativas cineclubistas passam a assumir a tarefa de sensibilização e renovação do olhar, levando em conta o papel formador e crítico do ambiente universitário. O projeto pedagogias da imagem privilegia a relação entre cinema e pensamento, no qual palestras e debates procuram instigar o público, motivado pelos filmes, a refletir sobre determinadas questões que eles suscitam. Trata-se de introduzir, por meio das constantes interpelações entre o campo da educação e da cultura, abordagens críticas e problematizadoras no contexto da divulgação científica, abrindo espaço para as artes, a filosofia e as ciências humanas. O projeto contempla a pluralidade das perspectivas de pesquisadores e profissionais de diversas áreas do conhecimento, investindo na potencialização dos múltiplos modos de se produzir e divulgar conhecimento, apontando para uma efetiva produção coletiva de ideias e conceitos. Assim como a prática pedagógica não se restringe ao espaço formal da sala de aula, o cineclube permite o contato com diferentes pedagogias da imagem, intensificando o espírito crítico dos espectadores com relação a temas variados. O público geral, em contato com imagens e ideias disseminadas e reverberadas pelos filmes e debates, passa a ter sua curiosidade convocada e estimulada, potencializando maneiras outras de se ver - e ler - tanto os filmes quanto o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento**. Trad. Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1985.
LEANDRO, A. (2001). **Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem**. Comunicação & Educação, (21), 29-36.

PODCAST DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRJ

Autor: Gabriel Cid de Garcia

Contato: gcidgarcia@gmail.com

As tecnologias de comunicação digitais estão cada vez mais convergentes e incorporadas ao cotidiano das pessoas. O podcast da Faculdade de Educação da UFRJ é um projeto que se insere nesta dinâmica contemporânea ligada à expressão por meio do áudio, explorando seu potencial para o campo da educação e da divulgação científica e cultural. O projeto envolve oficinas de criação de podcasts e a elaboração de séries de programas em áudio voltadas à discussão de temas e questões ligados às múltiplas dimensões da educação e da cultura. O formato podcast designa um arquivo de áudio armazenado em plataforma digital e distribuído em rede para ser baixado, compartilhado e rodado em dispositivos móveis. Por seu caráter público e por sua natureza descentralizada, o podcast permite relação imediata com usuários diversos, promovendo a intensificação da interação entre produtores e receptores, a comunidade acadêmica e o público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMELO, Ana Paula. **ComunicaSons: por entre rádio, arte e divulgação científica**. Dissertação (Mestrado). Campinas, SP: Unicamp, 2010.

JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. Nova York: New York University Press, 2006.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1992.

SCIENCE IN MUSIC

Autora: Corinne Arrouvel

Contato: corinneifp@hotmail.com

Apresentação do projeto “*Science in music*” liderado por Corinne Arrouvel iniciou em 2014/2 com seminários informais na UFSCar para explicar analogias em mecânica quântica e música, introduzindo alguns conceitos em química geral 1 (2017/1). Uma Iniciação Científica com bolsa CNPq (aluno: Jean Cardoso) foi concluída em 2017: “Entender as propriedades das ondas em química, física, medicina e suas relações com a música”. Palestras nacionais e internacionais foram dadas (e.g. UNMSM-Peru, UFMG, UFRJ). Inúmeras propriedades podem ser apresentadas de maneira lúdica e transformadas em música. Melodias, músicas foram inspiradas e compostas a partir de propriedades escolhidas, tais como as propriedades físicas/químicas da tabela periódica dos elementos, a RMN (ressonância magnética nuclear). Considerando relação energia / frequência $e = h \cdot f$, na descrição da experiência vários conceitos são abordados: história da música, teoria musical, afinação, ressonância, timbre, física, química, biologia, matemática.

Equipe mista: artistas, cientistas, amadores, profissionais. Apoio: Marcos Farina & Co.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciativa privada inovadora “*Science in music*” liderada pela Dra. Corinne Arrouvel para divulgação na forma de shows-palestras, mesas-redondas, oficinas, em encontros ciência e arte, em universidades, em boteco, CDs, etc. Em busca de patrocínio para apoio a gravação em estúdio pro, divulgações, diárias e passagens para músicos, bolsas para alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS DA SILVA, Geraldo, ARROUVEL, Corinne. **Afinidade da Afinação /Alô Hidrogênio**, Escola de Música, UFRJ, Registro n 5256/1022 e lavrada fls 56/22 Livro 27/06, 2018/2019. Choro/Samba.

SUAT NO MUSEU NACIONAL

Autores: José Henrique Moreira, Anna Luiza Padilha de Figueiredo, Karla Gabriela Carreiro Soares, Nogueira, Reinaldo Machado da Silva.

Contatos: jose.henrique@eco.ufrj.br

O Sistema universitário de apoio teatral (Suat) é um projeto multidisciplinar de apoio logístico à produção artística e cultural da UFRJ. Integrada por estudantes de diversos cursos de graduação e baseada na Sala Vianinha da Escola de Comunicação, a equipe procura atender às necessidades de criação, montagem e operação de som e iluminação cênica, iluminação expositiva, consultoria de adaptação de espaços culturais e outras demandas semelhantes. O projeto funciona desde 2011 e já realizou quase duas centenas de ações junto a diversas unidades da UFRJ. Em maio de 2018, o projeto foi convidado a colaborar na celebração dos duzentos anos do Museu Nacional. O evento incluiu cerimônia de abertura, exibição de vídeos, inauguração de nova exposição temporária e coquetel, e contou com a presença de autoridades acadêmicas, pesquisadores, funcionários e estudantes. A participação do Suat consistiu na iluminação arquitetônica e ornamental dos ambientes e espaços de circulação onde ocorreram a solenidade e o coquetel: fachada do edifício, hall de entrada, pátio da escadaria, auditório Roquete Pinto e sala da Baleia – onde ocorreu a cerimônia oficial. Durante três dias, a equipe desenvolveu e implementou uma solução estética e técnica para cada espaço sob sua responsabilidade, atendendo às demandas de segurança, conforto e valorização da arquitetura e do acervo do museu, além de colaborar na substituição de lâmpadas queimadas e na reafinação de luminárias expositivas das salas do T-Rex e de meteorítica. A bem-sucedida intervenção na festa dos duzentos anos resultou em novo convite do Museu Nacional ao Suat, em agosto de 2018, desta vez para a cerimônia de abertura do 49º Congresso Brasileiro de Geologia, evento que marcou o encerramento das comemorações dos 70 anos da Sociedade Brasileira de Geologia. Foi então criada e instalada uma nova versão para a iluminação ornamental da sala da baleia, recebida com elogios pela organização do evento. Essas duas oportunidades de parceria poderiam ter dado início a uma atuação mais frequente do Suat no Museu Nacional, com a perspectiva de outras intervenções de apoio à manutenção e valorização do espaço e de seu acervo, dentro do escopo do projeto. No entanto, o incêndio que consumiu todo o edifício principal do museu, na noite de dois de setembro de 2018, interrompeu de forma catastrófica a trajetória da relação entre o Suat e o Museu Nacional. Neste último e trágico episódio, a equipe foi chamada, na manhã do dia seguinte ao incêndio, para mais uma vez colaborar com apoio logístico: instalar iluminação de emergência da fachada lateral do prédio, a fim de garantir o término do trabalho de rescaldo do corpo de bombeiros e o perímetro de segurança à noite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO SAFRA. **O Museu Nacional**. Coleção Administração. São Paulo: Banco Safra, 2007. BARBOSA, L. A. G. *Iluminação de Museus, Galerias e Objetos de Arte*. Apostila. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, s/d.

MIER, R. **Iluminação artificial em espaços museográficos: proposta de uma reflexão face à realidade contemporânea**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2016.

ATELIÊ ABERTO UFRJ

Autores: Beatriz Louise e Gabriel d’França

Contato: beatrizloul@hotmail.com

O “Ateliê aberto” trata-se de um evento semestral organizado por estudantes de artes visuais - escultura. Uma ocupação do espaço da reitoria UFRJ com trabalhos artísticos e rodas de conversa propostas por estudantes dos diferentes cursos da Escola de Belas Artes, sem qualquer processo seletivo. Ao longo do semestre, estudantes da EBA desenvolvem suas pesquisas e práticas artísticas, que, através do Ateliê aberto, ganham a oportunidade de serem dispostos ao público no final de cada período acadêmico. O projeto busca dar aos jovens artistas familiaridade com o processo expositivo, desde a curadoria das obras até a montagem das mesmas. Além disso, muitos professores aderem ao Ateliê como um dia de apresentação e avaliação dos trabalhos finais de suas disciplinas. Divulgado via redes sociais e aberto à comunidade externa, o Ateliê propõe levar a público as pesquisas artísticas universitárias e, assim, criar um espaço de extensão e interlocução. Aos que operam na sua organização, o Ateliê oferece a oportunidade na prática de produção de eventos e, aos jovens artistas, uma introdução ao sistema expositivo. Para as próximas edições, o projeto pretende dialogar com outras instituições universitárias, além de coletivos independentes e centros de arte e cultura, na intenção de estabelecer uma rede de compartilhamentos, assim como deseja também um contato direto com escolas públicas e a itinerância da exposição para fora do espaço acadêmico.

ATELIÊ LIVRE: EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS E METODOLÓGICAS

Autor: Rafael da Silva

Contato: rafaelsilva.ha@gmail.com

O Ateliê Livre é um espaço físico e intelectual, localizado na universidade, em sala do Curso de Artes Visuais/Escultura, do departamento BAE, da Escola de Belas Artes, em agenciamento com outros espaços de ateliê na cidade, aberto aos trabalhos e ações dos estudantes para elaboração de atividades que dizem respeito ao âmbito da curadoria em artes, da visibilidade de trabalhos e processos artísticos, exposições, economias em desenvolvimento pelos artistas-pesquisadores e construção de um registro experimental dessas ações. As atividades são oferecidas aos artistas-pesquisadores da universidade por meio da divulgação em chamadas no site da EBA e em outras mídias internas da UFRJ. Os projetos curatoriais desenvolvidos fazem parte de ações continuadas de promoção, integração de saberes e produções acadêmicas com a comunidade artística da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEQUENO, Fernanda. **Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações.**

In: 20o Encontro Nacional ANPAP – Subjetividades, Utopias e Fabulações, 2011, Rio de Janeiro.

CANTANDO A POESIA LATINA: PHASELUS ILLE DE CATULO

Autores: Celso Garcia Ramalho e Fábio Frohwein de Souza Muniz

Co-autores: Pietro Marchiori, Wallace Pontes de Mendonça, Zelma Amaral Da Rosa Isaias Rosa da Silva, Debora Deziderio Souto, Esther Marques Ferreira De Almeida Elaine Guedes De Barros, Abrahão Joaquim de Santana e Bruce Willis Porto Lemos, Marlon Yuri Jesus, Thays Souza dos Santos, Karoline De Lima Gomes e Arianne Souza da Silva

Contato: celsoramalho@musica.ufrj.br

O poema IV de Catulo, conhecido por “PhaselusIlle” (Aquele barco), traduzido para o português e composto em forma canção, é o ponto de escuta e encontro entre o projeto de extensão do CLA, o Garin “comemorando a canção como reunião poética originária” (EM-UFRJ), e o grupo “Poemata” (FL-UFRJ). As áreas de letras e música juntam-se nessa parceria numa escuta do poema que nos conduz para o processo de escansão dos pés métricos em trímetros iâmbicos, reverberando o movimento de um barco navegando como ontogênese da própria poesia que traz em sua prosódia e força geradora a barcarola como possibilidade de forma musical. Nossa performance apresentará uma proposta de composição e arranjo para recriar a ambiência dos v. 1-8 de Catulo, cantando-o em latim juntamente com sua respectiva transcrição em português. O interesse pela poesia demonstra o potencial musical subjacente ao tecido poético e nos faz retomar a leitura do poema não como um ato visual, mas essencialmente auditivo e vocal, liberando a poesia e devolvendo-a ao seu lugar originário de criação enquanto vocalidade do canto e, essencialmente, música. Objetivamos nessa parceria levar ao público da comunidade acadêmica e também externo a poesia latina cantada em propostas estéticas atuais feitas pelos próprios integrantes dos grupos, divulgando-a em recitais e gravações socializadas na página do Garin e em estudos de métrica, prosódia, composição e arranjo musicais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLDRINI, Sandro. **Fondamenti di prosodia e métrica latina**. Roma: Caroci. 9 ed.,2015.

CENTRO DE PRODUÇÃO TEATRAL

Autor: Antonio Guedes

Contato: guedes@pequenogesto.com.br

O “Centro de Produção Teatral” foi criado em 2008 com o objetivo de fomentar a cultura teatral entre os estudantes da Escola de Belas Artes. O projeto, inicialmente formado exclusivamente por alunos da UFRJ, chegou a contar com atores de vários cursos – química, psicologia, comunicação, matemática e história da arte. Mas a equipe técnica de criação (cenografia, figurino, iluminação) sempre foi composta por estudantes do curso de artes cênicas da EBA. No princípio, o CPT pretendia encenar um espetáculo por ano. Não conseguimos manter esta periodicidade, entretanto, o projeto foi além dos muros da UFRJ participando em festivais, se apresentando em congressos acadêmicos e em um projeto de formação de plateia do Estado do Rio. Desde 2011 é um projeto de pesquisa e extensão cadastrado no SIGProj e sempre se preocupou em estar ligado ao público de fora da universidade, buscando pensar o teatro como uma experiência que, partindo de uma pesquisa cênica, volta-se para um público de variadas formações e que integram diversas áreas sociais. Entre 2008 e 2018 encenamos cinco espetáculos que se apresentaram na universidade, em festivais universitários, em congressos e em teatros do circuito teatral carioca. Em um momento de necessidade de fechamento para reflexão, em 2012, realizamos duas performances que resultaram deste período de pesquisa sobre a linguagem. Entre 2014 e 2017 o trabalho foi interrompido devido ao doutoramento do coordenador no exterior. Entretanto, em 2018 o projeto foi retomado, agora mantendo os alunos do curso de artes cênicas apenas na formação da equipe técnica de criação. A partir daí, passamos a formar o elenco dos espetáculos com atores profissionais. A intenção é, por um lado, intensificar a vocação extensionista do projeto e, por outro, encontrar parceiros no circuito teatral do Rio de Janeiro. Desde que perdemos a sala Santa Rosa, devido ao incêndio no prédio da reitoria, ficamos sem espaço de trabalho e buscamos intercâmbios com instituições públicas.

ESPETÁCULOS E APRESENTAÇÕES DO CPT

2008 - Quando as máquinas param, de Plínio Marcos • Sala Santa Rosa (EBA) / Sesc Madureira

2009 - A serpente, de Nelson Rodrigues • Sala Santa Rosa (EBA) / Sesc Madureira / FCC da UFRJ / Projeto NOVAS CENAS da Sec. Cult. do RJ (Caxias e Itaguaí)

- Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau

2011 – Performances Diante da palavra, de Novarina Valsa no 6 – um estudo, a partir de Nelson Rodrigues

2011 - Woyzeck, de Georg Büchner • Sala Santa Rosa (EBA) / Congresso em Vassouras (RJ) / Festival Universitário de Congonhas (MG) / UDESC (SC) / Encontro Universitário em Curitiba (PR) / Escola Sesc de Ensino Médio (RJ) / Sede das Cias (RJ)

2013 – Fragmentos de Beckett, de Samuel Beckett

Interrupção do CPT devido ao doutoramento do Coordenador no exterior

2018 – Suicidados!, de vários autores

- Sala Municipal Baden Powel

CICLO DE LEITURAS DRAMATIZADAS NO IFCS

Autores: Fernando Carneiro e Sophia Fried

Contato: portaldofernando@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

O Ciclo de Leituras Dramatizadas do Instituto de Filosofia, Ciências Sociais e História é uma iniciativa autônoma de alunos dos cursos de Bacharelado em Ciências Sociais que sentem a necessidade de dar um maior sentido aos seus estudos científicos a partir de experiências artístico-dramatúrgicas.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O ciclo de leituras dramatizadas propõe-se a ser um grupo de extensão e pesquisa artística interdisciplinar que realiza apresentações para toda a comunidade acadêmica de textos dramatúrgicos que dialoguem com o universo da filosofia, das ciências sociais e da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para continuidade do projeto, faz-se necessária ampla divulgação junto a comunidade acadêmica para que participem de diversas formas do projeto, apoiando, colaborando, fazendo, divulgando, prestigiando e refletindo sobre as discussões trazidas pelas apresentações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Antônio. AZEVEDO, José Fernando P. de. TENDLAU, Maria. (Orgs.) **Próximo Ato: Teatro de Grupo**. São Paulo, SP: Itáu Cultural, 2011.

COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DA UFRJ

Autores: André Meyer e Ana Célia de Sá Earp

Contato: andremeyer@eefd.ufrj.br

A Companhia de Dança Contemporânea da UFRJ (CDC-UFRJ) é um grupo artístico de representação institucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro que tem suas raízes no trabalho pioneiro e desbravador da professora emérita Helenita Sá Earp (1919-2014) - introdutora da dança nas universidades brasileiras em 1939. A CDC-UFRJ foi criada junto com implantação do primeiro Curso de Especialização em Dança e Coreografia da UFRJ, em 1943. Atualmente, a equipe da CDC-UFRJ se empenha para que os resultados das pesquisas artísticas - além da produção e apresentação de espetáculos - se desdobrem em um diversificado conjunto de ações voltadas para a produção de videodanças, performances, exposições, documentários, instalações; e ainda toma para si a missão de produzir material didático e de publicar artigos sobre processos de criação e ensino a partir da teoria de princípios e conexões abertas na dança de Helenita Sá Earp; considerando uma dinâmica de ações na dança como área de conhecimento transversal que dilui as rígidas fronteiras entre ensino, pesquisa e extensão. Com a implantação do Bacharelado em Dança (1994), da Licenciatura em Dança (2010) e do Bacharelado em Teoria da Dança (2010), a CDC-UFRJ passou a se constituir em um polo de produção artística em linguagens coreográficas, que propicia ao estudante das graduações em dança, a vivência e aprofundamento de um extenso leque de pesquisa em dança. As ações visam a formação de egressos que atuem como artistas-docentes e pesquisadores e que se contextualizem no panorama da educação e cultura brasileiras. Com a recém-implantação do Programa de Pós-Graduação em Dança - Mestrado em Dança - PPGDan-UFRJ no ano corrente, essas perspectivas tendem a criar novas sinergias nos processos de pesquisa e produção coreográfica envolvidos na CDC-UFRJ, uma vez que permitirá uma dinâmica nova entre o programa de pós e as graduações em dança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEYER, André. **Dança e Ciência: Estudo acerca de Processos de Roteirização e Montagem Coreográfica baseados em Formas e Padrões de Organização Biológicos a partir dos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp**. Tese (doutorado) Orientador: Adalberto Vieyra - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Bioquímica Médica, Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

DANÇA ARTE CIÊNCIA E CRIAÇÃO: VILA EM DANÇA

Autora: Ana Célia de Sá Earp

Contato: andremeyer@eefd.ufrj.br

A proposta deste projeto é de viabilizar a oferta de cursos livres de dança, jogos corporais criativos, artes plásticas, música, pilates, alongamento, yôga, meditação e bioginástica na Vila Residencial da UFRJ. Juntamente com as oficinas, o projeto prima pela realização atividades de lazer, como o os saraus “integrartes”, cineclube Vila e a colônia de férias. Todas as atividades pedagógicas e artísticas se desenvolvem no contexto das artes integradas e vem sendo ministradas na Vila Residencial da UFRJ desde 2014. É uma iniciativa interdisciplinar entre professores e alunos das áreas da Letras, Dança, Música e Artes Plásticas e medicina com a associação de moradores da Vila Residencial da UFRJ. Este projeto se caracteriza como um polo onde estudantes desenvolvem processos didáticos e artísticos integrados, tendo a linguagem do corpo criativo como eixo central. Os cursos oferecidos à comunidade abrangem um leque variado de temáticas e práticas corporais para crianças e jovens de diferentes faixas etárias além de atividades voltadas para a terceira idade. Neste sentido, o projeto propicia aos alunos das graduações em Dança, Belas Artes, Letras e áreas afins, a formação de um extenso leque de competências docentes e artísticas através do desenvolvimento dos cursos livres direcionados ao atendimento das necessidades dos moradores da Vila Residencial da UFRJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEYER, André. **Dança e Ciência: Estudo acerca de Processos de Roteirização e Montagem Coreográfica baseados em Formas e Padrões de Organização Biológicos a partir dos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp**. Tese (doutorado) Orientador: Adalberto Vieyra - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Bioquímica Médica, Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

LABATOR - LABORATÓRIO DE PROCESSOS DO ATOR E DA CENA DA EBA/UFRJ

Autora: Larissa Elias

Contato: larissafereselias@gmail.com

Criado em 2012 pela artista e professora Larissa Elias, o Labator se configura como espaço de pesquisa da cena e dos processos criativos do ator/performer. Tem como objetivo principal a proposição e o desenvolvimento de projetos performativos de modalidades diversas. O laboratório está vinculado aos cursos de Artes Cênicas – cenografia e indumentária – da Escola de Belas Artes/EBA, e ao Nepac – Núcleo de pesquisa em artes cênicas. Os projetos agregam estudantes de graduação e de pós-graduação, artistas-docentes vinculados a IEs, e artistas colaboradores independentes. O Labator foi contemplado com os seguintes editais: Faperj auxílio instalação/2011; apoio à produção e divulgação das artes/2013 e 2016. No período 2012-2015, o Labator desenvolveu o projeto Tchekhov, realizando a performance “A gaivota – arkadina – nina – macha” e os espetáculos “Os dois Tchekhov” e “Está à venda o jardim das cerejeiras”, sendo este último em parceria com a Profa. Vanessa Teixeira de Oliveira, da Unirio, e com os cênicos Cia. de Teatro. No período 2016-2020, o Labator desenvolve o projeto Strindberg – os segredos da tribo, que prevê a montagem de um espetáculo no ano de 2020, e a produção, ao longo do período, de materiais expositivos e performativos criados como desdobramentos da montagem principal. Esta é a segunda produção do Labator desenvolvida por meio de intercâmbio interinstitucional UFRJ-Unirio. No ano de 2018, o Labator organizou na Unirio o evento de extensão *Speratinfestis: teatro, sonho e política em Strindberg*, em que foram apresentados alguns desses materiais, além de leitura de textos inéditos de Strindberg no Brasil. Um dos eixos das pesquisas desenvolvidas no laboratório é a exploração da diversidade de linguagem decorrente das interseções teatro-cinema e teatro-tecnologia. Outro importante eixo das pesquisas diz respeito a pensar a teatralidade fora do teatro, em suas relações com as outras artes, e também com a política, a economia e a história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICASFERÁL, Josette. **Além dos limites: teoria e prática do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.SARRAZAC, Jean-Pierre. **Sobre a fábula e o desvio**. Rio de Janeiro: 7Letras: Teatro do Pequeno Gesto, 2013.

LABORATÓRIO DE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS

Autor: Gilson Motta e Larissa Elias

Contato: mottagilson@hotmail.com

Apresentação do Laboratório objetos performáticos de teatro de formas animadas, da Escola de Belas Artes da UFRJ, coordenado pelo Prof. Dr. Gilson Moraes Motta. O laboratório desenvolve atividades de performances itinerantes e de teatro de sombras, tendo produzido o espetáculo “Ananse e o baú de histórias”, apresentado em festivais internacionais de teatro de formas animadas. Atualmente, o tema da pesquisa do laboratório é arte e espiritualidade. O teatro de sombras é aqui concebido como uma prática contemplativa. A proposta é mostrar o trabalho do Laboratório (e sua relação com outros laboratórios de criação teatral existentes na EBA).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOTTA, G. M.; FEIX, T. A. **Andar, dançar, meditar: a performance como prática espiritual**. Pós: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG. v.8, p.314 - 331, 2018.

MOTTA, GILSON. **Laboratório Objetos Performáticos: Das performances itinerantes ao teatro de sombras no campo expandido**. Urdimento (UDESC). V.2, p.258-278,2018.

LICENÇAS POÉTICAS

Autor: Adolfo Lachtermacher

Contato: adolfo@forum.ufrj.br

O projeto consiste em conversas abertas – inicialmente dedicadas ao público interno do Fórum de Ciência e Cultura - sobre questões relacionadas à cultura e a arte, com uma abordagem que destaque a relação pessoal ou profissional de cada convidado com o tema. Um dos objetivos é abrir espaço para que os produtores, fotógrafos, músicos e demais técnicos envolvidos com o trabalho com a cultura na universidade possam arejar o diálogo e as relações de trabalho, que sofrem as consequências da burocracia própria ao ofício. Os temas dos encontros serão objeto de conversas e ajustes entre a organização e cada um que se proponha a ser um fomentador de debates. Por exemplo: uma viagem ao sertão e seu registro fotográfico desdobra-se em comentários sobre cinema, música e literatura que tenham o sertão como foco ou apontem para outras viagens, outras descobertas, que constituem um repertório pessoal que nunca tenha sido apresentado ou dividido com os demais no ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UFRJ. **Você Faz Cultura**. Disponível em: http://www.forum.ufrj.br/images/forumcc/pdf_e_odt/revista_voce_faz_cultura_final_web.pdf. Acesso em 25 de fev. de 2019.

MOSTRAS DO CURSO DE DIREÇÃO TEATRAL

Autor: Érika Neves Lina de Souza

Contato: erika.souza@eco.ufrj.br

O projeto artístico “Mostras do Curso de Direção Teatral” engloba a “Mostra mais” (final do 1º semestre) e a “Mostra de Teatro da UFRJ” (final do 2º semestre – mostra de formatura, com os trabalhos de conclusão de curso), realizadas na sala Vianninha da Escola de Comunicação ou em espaços do campus da Praia Vermelha, com possibilidades de apresentações em outros espaços da UFRJ e extramuros, sempre com entrada franca. A primeira mostra acontece desde 2005 e a segunda desde 2001, vinculadas respectivamente à disciplina “Direção VI” (ECA 487) e ao requisito curricular “Projeto experimental em teatro” (ECAy05), ambos obrigatórios. Cada “Mostra” possui seu próprio regime de produção e diferentes graus de complexidade e, além de atividades de ensino, também envolvem pesquisa de linguagem teatral e possuem caráter extensionista. Mobilizam-se também docentes e discentes dos cursos de cenografia e indumentária da Escola de Belas Artes (EBA), do curso de dança da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD), do Colégio de Aplicação Cap/UFRJ (no 2º semestre) e da própria Escola de Comunicação (Eco). Tanto atores da própria UFRJ quanto atores de distintos cursos de teatro, como o da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), da Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena, da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) e outras origens de formação compõem os elencos. Além das parcerias internas à UFRJ, busca-se articulação com instituições externas. Das “Mostras”, originam-se as publicações “Ciclorama – cadernos de pesquisa da direção teatral” e revista “À Mostra”, distribuídos gratuitamente de forma física e virtual aos alunos e ao público.

POR INCRÍVEL QUE PAREÇA

Autores: Celso Garcia Ramalho e Artur de Freitas Gouvêa

Co-autores: Isaias Rosa da Silva, Debora Deziderio Souto, Esther Marques Ferreira de Almeida Elaine Guedes de Barros, Abrahão Joaquim de Santana, Bruce Willis Porto Lemos, Marlon Yuri Jesus e Thays Souza dos Santos

Contato: celsoramalho@musica.ufrj.br

Apresentamos uma parceria inusitada nas canções “Epitáfio” e “Por incrível que pareça”, compostas por Antonio Jardim e Guinga. Demonstraremos o desempenho com a palavra como poetas-músicos que revelam amplas possibilidades musicais na canção. “A poesia situa-se ao nível da presença, e não da representação; ela revela, não explica. revela o que não pode ser senão revelado, e não pode sê-lo diversamente: a poesia deve ser tomada ou abandonada, jamais traduzida” (Dufrenne, 89). Entendemos que Jardim, ao musicar a palavra poética presente na letra do cancionista Guinga, revela a música da palavra. As duas canções de Guinga e Jardim só podem ser plenamente compreendidas na relação originária entre música e fala, som e palavra, sem que com isso façamos uma redução da música ao som e da língua à fala. Música é o vigor da linguagem. Seria um equívoco apartar a música da letra sob pena de destruição do sentido da canção. O que se coloca na questão que pergunta pelo sentido da canção — reunidora de palavra e música — é o vigor da linguagem. A melodia da letra de Guinga traz possibilidades sonoras de criação para o músico que escuta a palavra como timbre da canção e é o que já está de alguma forma indicado no desenho melódico composto junto à forma harmônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUFRENNE, Mikel. **O poético**. Tradução de Luiz Arthur Nunes e Reasylyvia Kroeff de Souza. Porto Alegre: Globo, 1969.

JARDIM, Antonio José (Jardim) e Castro. **Epitáfio**. Rio de Janeiro: Antonio Jardim, 2010, 2010. Partitura manuscrita.

_____. **Por incrível que pareça**. Rio de Janeiro: Antonio Jardim, 2010, 2010. Partitura manuscrita.

PROJETO CORPOS TELÚRICOS: A VIDEODANÇA COMO SUPORTE DA ECOARTE

Autora: Ana Célia de Sá Earp

Contato: andremeyer@eefd.ufrj.br

O projeto “Corpos Telúricos” engloba diversas ações artísticas desenvolvidas na região de Visconde de Mauá. O projeto explora a poética do contato do dançarino com a natureza preservada do parque nacional do Itatiaia, através da produção de vídeo danças, fotopoética e documentário sobre a relação homem, arte e natureza. Tudo isso baseado na filosofia da professora emérita da UFRJ, Helenita de Sá Earp, desenvolvida também naquele local. Até o momento, no documentário, foram entrevistadas 22 pessoas, dentre artistas, moradores, comerciantes e agentes públicos. O mesmo explora a relação entre economia e preservação ambiental. Dentro do trabalho fotográfico e em vídeo exploram-se os diversos ambientes disponíveis em Visconde de Mauá. Dentre eles, morros, rios, florestas, lama e etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEYER, André. **Dança e Ciência: Estudo acerca de Processos de Roteirização e Montagem Coreográfica baseados em Formas e Padrões de Organização Biológicos a partir dos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp**. Tese (doutorado) Orientador: Adalberto Vieyra -Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Bioquímica Médica, Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

PROJETO ÓPERA NA UFRJ

Autora: Andrea Adour, Fabrícia Medeiros, Selene Ferreira, André Garcez

Contato: fabricia.medeiros@musica.ufrj.br

O Projeto “Ópera na UFRJ” existe há mais de vinte anos, é transdisciplinar e congrega várias unidades da UFRJ. Além da Escola de Música e da Orquestra Sinfônica, participam regularmente a Escola de Belas Artes (cenários, figurinos e caracterização) e a Escola de Comunicação (direção teatral e iluminação cênica); e, de acordo com a peça a ser encenada, a Escola de Educação Física (dança e coreografia). Em um novo modelo de produção de um espetáculo dessa grandeza, estimula-se também a realização de oficinas de canto, preparação corporal e confecção de figurinos e cenário, coordenadas por docentes da UFRJ e especialistas convidados, como a oficina realizada por um alfaiate inglês, para aprimorar e colocar em prática os conhecimentos e técnicas desenvolvidos pelos discentes em seus respectivos cursos. Desse modo, o projeto se consolida como um excelente campo de qualificação artística e profissional para seus estudantes. Ressalta-se também a relevância cultural de se incentivar, em algumas de suas montagens, a produção de repertório operístico brasileiro, com base em grandes textos de nossa literatura e de nosso teatro, não só integrando diferentes linguagens artísticas, como também levando aos palcos cores e sons, fazeres e saberes, falares e costumes, ideias e fatos que constituem o modo de ser e a história do povo brasileiro em sua rica diversidade. Os principais conceitos teóricos que dão suporte ao projeto “Ópera na UFRJ” foram desenvolvidos por autores como Joseph Kerman e Fernando Peixoto. Em seu trabalho intitulado “Ópera como drama”, Kerman articula as funções da música e da poesia como estimuladoras da imaginação na formulação de uma proposta interpretativa. O autor também analisa a ópera como um tipo de espetáculo dramático cuja existência é determinada pela música. Para os estudantes de canto, regência e instrumentos da Escola de Música, a montagem de uma ópera é uma grande oportunidade de desenvolvimento de suas habilidades musicais, de expressão dramática e de prática de conjunto. Fernando Peixoto, por sua vez, em “Ópera e encenação”, define ópera como uma expressão teatral híbrida e problematiza em seu livro a relação entre um tipo de expressão artística popular que convive com uma forte tradição de grande significado estético. Para os estudantes de indumentária, cenografia e direção teatral, a montagem significa o fundamental exercício coletivo de criação e confecção de cenários e figurinos, caracterização de personagens e concepção e direção cênica. A realidade do mercado de trabalho na área operística é de poucas oportunidades. Com este projeto integrado, a UFRJ proporciona a seus discentes a produção de complexos espetáculos em que podem desenvolver suas habilidades artísticas com criatividade e autonomia, formando-os como profissionais qualificados e com experiência no campo da ópera.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KERMAN, Joseph. **A ópera como drama**. São Paulo: Jorge Zahar, 1990.

PEIXOTO, Fernando. **Ópera e encenação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

VIOLÕES DA UFRJ

Autores: Pedro Carvalho, Lucas Sousa, Daniel Haddad, Pedro Monteiro, Luiza Muniz, Lucas Dal Laca, Guilherme de Abreu, Artur Gouvêa

Contato: projetos.pinhobrasil@gmail.com

Com este projeto visamos promover a parceria para estimular o intercâmbio e a troca de saberes, entre os integrantes do conjunto “Violões da UFRJ” e da “Camerata de Choro Orsina da Fonseca”. O “Violões da UFRJ” é um conjunto reconhecido e requisitado no ambiente acadêmico da UFRJ por representar a produção musical de alunos da Escola de Música da UFRJ. Já a “Camerata de Choro Orsina da Fonseca” foi criada pelo programa “Orquestra nas Escolas” (OnE), uma realização da Secretaria Municipal de Educação da prefeitura do Rio de Janeiro e da Oscip ACAP (Associação Cultural Amigos da Providência). A parceria proposta visa realizar ações conjuntas com os dois grupos musicais acima citados, de forma a consolidar as trocas de conhecimento tácito e/ou empírico através do convívio e do compartilhamento de experiências. O projeto também prevê a aquisição de instrumentos musicais que serão patrimoniados pela UFRJ e consignados à Secretaria Municipal de Educação do RJ para utilização pelos integrantes do grupo “Camerata de Choro Orsina da Fonseca” durante a realização do projeto. Outro ponto importante é que a concretização deste projeto irá colaborar com o fortalecimento da atividade de educação musical no programa “Orquestra nas Escolas” (ONE).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, C. **A estrutura do choro: com aplicações na improvisação e no arranjo**. Da Fonseca. Rio de Janeiro, 2006.

SÉVE, M. **Vocabulário do choro: estudos e composição**. Lumiar. Rio de Janeiro, Programa, 1999

COLEÇÃO DE LIVROS ILUSTRADOS SOBRE BRINCADEIRAS TRADICIONAIS BRASILEIRAS

Autor: Andrea Peçanha

Contato: andreapecanha@outlook.com

Este projeto tem como interesse produzir livros paradidáticos que agucem a ludicidade e a criatividade do público infantil contemporâneo através de brincadeiras. O livro visa demonstrar como eram vivenciadas as brincadeiras tradicionais brasileiras em tempos antigos e em seu sentido mais amplo; contando um pouco de sua história e exemplificando como se brincar, para assim, reavivar o interesse em brincadeiras físicas e relacionais que valorizem a cultura brasileira na qual estão inseridas e no contínuo estímulo do contato da criança com o livro.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Esta coleção intenciona demonstrar o universo complexo que envolve a brincadeira, não só um momento de recreação, mas de aprendizagem e conhecimento, tendo como metodologia de pesquisa a investigação de práticas e vivências minhas e de meus próximos, o levantamento de dados empíricos e históricos através de pesquisa bibliográfica voltada para temáticas infantis como o papel do lúdico e brincadeiras brasileiras antigas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto pretende demonstrar as brincadeiras tradicionais brasileiras na atualidade e se fazem especialmente importantes de serem lembradas e resgatadas, pois dentro de um progresso contexto histórico de escassez e sobrevida muitas das brincadeiras possuem característica marcante e inconfundível: a partir do pouco fazer muito e criar tudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Elizabeth L. **Jogos e brincadeiras: ontem e hoje**. Uberlândia. Cadernos de História da Educação. no 4. jan./dez. 2005. Edufu, 2006, p. 45-54.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6a edição. São Paulo: Ática, 2007. Comissão Nacional do Folclore. Carta do Folclore Brasileiro. Capítulo I - Conceito. Salvador, 1995.

CENTER ON DEVELOPING CHILD. **Collective change**. Disponível em: Acesso em: 01 abr. 2019.

INTERFACES COM ANATOMIA DAS PAIXÕES E KURA URBANA

Autor: Kadosh Olive

Contato: kadosholive@gmail.com

A intervenção “Kura urbana” reúne diversas ações para pensar e criar novas propostas de olhar para a cidade, fomentando a nova cena artística urbana popular do Rio de Janeiro. Partindo do pressuposto de que estamos doentes, o grupo de artistas realiza uma performance que convida as pessoas para um ritual de relaxamento e meditação em ambientes movimentados da cidade. A partir de uma ambientação criada, os artistas representando os elementos da natureza, criam uma trilha que conduz os transeuntes para dentro do ambiente chamado de útero-estufa, onde as pessoas se deitam em esteiras e mergulham seus pés em baldes com água, enquanto projeções de imagens da natureza são exibidas no ambiente.

O trabalho é baseado no reconhecimento dos saberes populares dos mestres da cultura, ratificando que todo ser humano possui capacidade criativa e curativa a ser exercida, de modo a estimular o protagonismo dos agentes sociais e a conquista da autonomia no reestabelecimento da saúde individual e coletiva. Isso se dá a partir da prevenção de distúrbios econômicos, culturais, sociais e históricos que assolam e adoecem as comunidades, em processos que envolvem as linguagens artístico-culturais como ferramentas/recursos ou meio democrático participativo, efetivado na apresentação de oficinas, filmes, cursos, debates, palestras, rodas de conversa, eventos científicos ou de caráter político e outras manifestações, em troca direta com o público presente.

O proponente utiliza o princípio de que “arte salva vidas”, que vem explorar a atmosfera da ludicidade nos processos de sensibilização, de humanização por meio da arte inclusiva, gera um movimento coletivo e um método de vivências com a prática, que gera cuidado, de escuta e de acolhimento. Em uma sociedade egoísta e sem tempo, muitos estão esgotados. Por isso o Instituto Arte Viva viu a importância de promover reflexão e intervenção, na temática do cuidado a saúde mental da sociedade, começando primeiro no indivíduo (autocuidado) e se espalhando para o planeta (ecologia humana). É a descoberta do sujeito esquecido, resgatados no meio da sociedade, quando a arte, a ciência e os saberes populares se reconhecem como interfaces de uma imensa e única humanidade. Onde o participante é convidado a imergir numa experiência de significação do espaço invisível do “eu” que se estabelece entre nossas ações e as imagens que as inspiram, entendendo como um espaço de afeto.

O objetivo é nos tornamos humanos mais saudáveis, atuantes e esperançosos com o mundo de agora e o futuro. A arte é uma grande estratégia para se caminhar rumo ao desenvolvimento expressivo e representacional do ser, e, por isso mesmo a arte precisa ser mais valorizada dentro de todos os espaços, não somente como contexto de desenhar e pintar, mas como uma disciplina curricular importante para o desenvolvimento cognitivo do processo de criação, principalmente com as pessoas que estão à margem da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELLO, L.C. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. 1a ed. Rio de Janeiro: Automática Edições, 2014. 367p. 2.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 22 a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 173 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970. 218p

PROJETO LENDAS, REZAS E GARRAFADAS: UMA EXPERIÊNCIA COM A CULTURA POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA

Autor: Daniel Renaud Camargo

Contato: danielrenaud_22@hotmail.com

Este trabalho pretende apresentar alguns resultados do projeto de ação “lendas, rezas e garrafadas”, desenvolvido com comunidades do município de Chapada do Norte (MG), localizado no Vale do Jequitinhonha. O projeto se propõe a auxiliar no processo de documentação e valorização da cultura popular do Vale do Jequitinhonha, empregando metodologias participativas para desenvolver ações em parceria com as comunidades locais. As atividades envolvem grupos de diferentes faixas etárias, incluindo mestres dos saberes (em geral mais idosos), jovens e crianças e os professores das escolas estaduais. As atividades desenvolvidas incluem oficinas de produção audiovisual, entrevistas, rodas de conversa, passeios guiados nas casas dos mestres dos saberes, exposições de arte etc. As ações do projeto permitiram constatar a importância da documentação da cultura popular para a valorização das identidades culturais das comunidades locais. Foi possível perceber que o cinema e o audiovisual consistem em ferramentas potentes para se trabalhar com a cultura, inclusive sob uma perspectiva participativa. Além disso, é interessante destacar que os materiais produzidos pelo projeto vêm sendo empregados como materiais didáticos nas escolas locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Daniel Renaud. **Lendas, Rezas e Garrafadas: Educação Ambiental de Base Comunitária e os Saberes Locais no Vale do Jequitinhonha (dissertação)**. PPGEDU-UNIRIO, Rio de Janeiro, 2017.

RODAS DE SAMBA, MEMÓRIAS E IDENTIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO GROTÃO

Autor: Ricardo Lage de Oliveira

Contato: ricardolagecs@gmail.com

O objetivo desta roda de conversa é apresentar reflexões sobre identidade e auto-reconhecimento voltadas para a memória em comunidades tradicionais, a partir das rodas de samba tradicionalmente organizadas no Quilombo do Grotão, comunidade tradicional localizada no Engenho do Mato, em Niterói. Com o objetivo de entender como certas práticas, tais como as rodas de samba, se articulam para o resgate e construção de uma memória coletiva mobilizando as ideias de resistência cultural, defesa da cultura popular e direitos humanos. Buscaremos estabelecer um diálogo que permita delinear os contornos conceituais de tais iniciativas. Neste aspecto, cabe ainda ressaltar os desdobramentos disso no âmbito da reeducação das relações étnico raciais. Durante o processo de auto-reconhecimento e luta pela terra, foi concedida a moção de “personalidade do samba” ao líder comunitário do Grotão. O título reafirma a importância da roda de samba como mobilizadora de políticas públicas e articuladora das memórias no seio da comunidade. O Quilombo do Grotão se tornou ponto de cultura promovendo ações realizadas em nível local, como a roda de samba, que a partir da circularidade promove valores civilizatórios afro-brasileiros.

As memórias e narrativas nas rodas de samba aparecem como estratégia de pertencimento e trazem consigo as marcas sociais das formas como se relacionam. Um sistema de crenças e valores tradicionais é ativado em cada uma das rodas de samba que acontece. Elas operam mobilizando a identidade e os elementos de herança das gerações passadas e também as que serão projetadas em gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATTOS, Hebe. **Políticas de reparação e identidade coletiva no mundo rural: Antônio Nascimento Fernandes e o Quilombo São José**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 37, 2006.

SABERES E OCUPAÇÕES TRADICIONAIS: MEMÓRIA E VISITAÇÃO NA ALDEIA GUARANI MBYA ARA-PONGA - RJ

Autores: Renato de Oliveira dos Santos e Samira Lima da Costa

Contato: renatosantos.adm@gmail.com

Este estudo está vinculado à pesquisa intitulada “Saberes e ocupações tradicionais: memória, ocupação e desenvolvimento local nas comunidades tradicionais do Estado do Rio de Janeiro”. Corresponde ao recorte voltado às memórias, ocupações tradicionais e perspectivas de desenvolvimento local na aldeia Guarani Mbya Araponga, localizada no município de Paraty, no litoral sul do estado. A partir das narrativas de memória de vida do xeramõi e xejary (anciões) objetiva-se identificar a base comunitária Mbya nas diferentes relações da aldeia com a visitação e com os visitantes. A reflexão e abordagem metodológica se conduzem pelo prisma da ecologia social e da psicossociologia de comunidades para construção de uma pesquisa participativa. Possibilidades de integrar saberes científicos e saberes tradicionais, olhando as populações tradicionais e a organização comunitária de seus territórios em busca de pistas que possam, em resposta aos desafios sociais, traduzir e descrever os elementos que o permeiam. Elementos presentes e desencadeadores de processos de luta das comunidades pelo direito de usufruir da terra como um componente da sua identidade social e cultural.

UMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA DE “FUNDAMENTOS DA CAPOEIRA”

Autor: Bruno Rodolfo Martins

Contato: capoeiranomade@yahoo.com.br

A capoeira está presente na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde a década de 1970, e hoje ela é disciplina obrigatória da graduação em Educação Física. Ela percorreu muitos caminhos, especialmente no que tange as relações sociais e raciais, visto que suas origens são escravas e africanas, passando de “crime” a “disciplina universitária”, e reconhecida hoje como patrimônio cultural imaterial do Brasil e da humanidade. Diante de sua história, essa arte produzida por gente africana e negra brasileira ocupa uma posição estratégica no campo educacional antirracista, seja nas escolas básicas ou na universidade, com uma potência pedagógica transgressora diante da hegemonia esportivista e tecnicista, recorrente nas aulas de educação física, tanto no cotidiano escolar, como na própria formação docente aqui em questão. As aulas dessa disciplina foram organizadas com o propósito de problematizar o racismo e seus temas correlatos, fossem elas “práticas” ou “teóricas”, já que a mesma conta com metade de suas horas para cada modo. Foram escolhidos textos e vídeos produzidos por mestres, praticantes e pesquisadores de capoeira e de sua inserção na escola e na educação física. As reflexões iniciais enquanto avaliação dessa iniciativa apontam que há demonstrações do corpo de estudantes de que o conhecimento, reconhecimento e a valorização da capoeira, através de uma perspectiva antirracista, tem sido de grande importância nessa sua formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, N. P. C. **A epistemologia de ensino da capoeira na EEFD da UFRJ**. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Desportos). UFRJ, 1997.

MARTINS, B. R. **Relações Étnico-Raciais e Diversidade Cultural: caminhos em direção a uma outra Educação Física Escolar**. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorraciais). CEFET, 2013.

E POR FALAR EM CIÊNCIA... O PODCAST DO ESPAÇO MEMORIAL CARLOS CHAGAS FILHO

Autores: Erika Negreiros, Ellen Ribeiro, Lucas Barreto, Thaís Patrícia Mancílio da Silva, Gabriella da Silva Mendes.

Contato: erikanegres@biof.ufrj.br

O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) é um museu universitário de ciência e tecnologia que atua nas áreas de história da ciência, divulgação científica e extensão, localizado no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ). Dadas as atuais situações política e social em que estão ocorrendo desmoralização da universidade através de cortes orçamentários, sobre o pretexto de “balbúrdia”, é extremamente necessário a disseminação do conteúdo acadêmico, de forma clara e compreensível, para fora da universidade, pois esse é um dos pilares da universidade: a democratização do conhecimento. Entendendo o advento de novas tecnologias e mídias para a divulgação científica, o objetivo deste projeto consiste em desenvolver podcast como ferramenta de divulgação científica e plataforma para discussões sobre a ciência realizada na universidade, falando sobre a importância das pesquisas nos laboratórios do IBCCF e o impacto para a sociedade. A utilização do podcast tem o enfoque em distribuir informações em formato de debate, rádio documentário e de mesa redonda para divulgar ciência, e também como oficinas em escolas públicas para que os próprios alunos possam fazer seus podcasts e divulgar dentro de suas localidades. A metodologia envolve o desenvolvimento e aplicação de questionários para o público interno da UFRJ e aos estudantes de escolas públicas para avaliar tanto o interesse quanto a eficácia do podcast como da ferramenta de divulgação científica. Além disso, também serão definidas as estratégias para inserção do áudio nas plataformas mais visualizadas, do formato dos podcasts e do desenvolvimento e atualização do site do IBCCF e do EMCCF. Como resultado esperado, o EMCCF pretende ser a voz do IBCCF, levando aos docentes e alunos das universidades e ao público externo, o que é criado dentro dos muros da UFRJ e mostrar que sem as universidades a ciência não pode evoluir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MANCILIO DA SILVA, Thaís Patricia; MENDES, Gabriella da Silva; NEGREIROS, Erika. **Memória em Jornais: 70 anos do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho**. Anais Eletrônicos do 15o Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia, v. III. p. 1432-1444.2016.

PRÁTICAS EM CINEMA NA EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Autores: Jardel Augusto Lemos e Wania Rocha

Contato: wania.lim@hotmail.com

Este ensaio apresenta duas trajetórias que estão inseridas em uma pesquisa: experiências e práticas em cinema na educação. Uma das trajetórias traz o encontro do cinema com crianças na primeira infância (bebês), a segunda utiliza o cinema nas atividades educativas propostas em um espaço de atendimento ao adolescente em conflito com a lei cumprindo medidas socioeducativas. A partir das inquietações vivenciadas nas referidas experiências profissionais, surge a busca de um diálogo entre o cinema e a educação que viabilize a investigação de práticas educativas e formas diferenciadas de conceber processos criativos através do cinema e a sua interação com o corpo e os espaços em questão. Através dos resultados obtidos nos exercícios de teoria e prática, dados serão reunidos com o objetivo de traçar relações entre as experiências expressivas dos corpos e as possíveis correlações entre os espaços vivenciados e a cultura contemporânea, por meio de um diálogo que transita entre o cinema e a educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRESQUET, A.M. **Currículo de Cinema para escolas de educação básica**. Rio de Janeiro; CINEAD/LECAV.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PROJETO QUINTAS MUSICAIS

Autores: Mario Jorge Ferreira de Oliveira e Angela Maria Silva Gonçalves

Contato: mario_jo@po.coppe.ufrj.br

O objetivo é levar ao público universitário o que há de melhor na música brasileira, tanto popular quanto clássica e sempre através de intérpretes de valor dispostos a participar desta iniciativa, sem fins lucrativos, com o intuito de divulgar seus trabalhos artísticos.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Projeto foi realizado durante quinze anos consecutivos, sempre às quintas-feiras ao meio-dia no auditório do Bloco A, no Centro de Tecnologia da UFRJ, com entrada franca. Este projeto teve o apoio da Decania do Centro de Tecnologia, da Comissão Cultural da COPPE e um suporte financeiro inicialmente do Banco Nacional e posteriormente da Petrobras. O apoio financeiro era voltado exclusivamente para um cachê simbólico para os músicos e para a infraestrutura de equipamentos de som.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso deste projeto depende de uma continuidade e regularidade semanal, uma vez que busca apresentar ao público de professores, alunos e funcionários da UFRJ profissionais da música com estilos diversos. Serão convidados artistas relacionados com Bossa Nova, Chorinho, Jazz, Música Nordestina, Samba, Seresta, MPB e Música Clássica de várias vertentes.

REFERÊNCIAS

Dentre os artistas que participaram do Projeto Quintas Musicais, podemos citar: Carlos Lyra, Leni Andrade, Luiz Eça, João Donato, Nana Caymmi, Altamiro Carrilho, Antônio Adolfo, Época de Ouro, Paulo Moura, Zé da Velha e Silvério Pontes, Olívia Byghton, Azymuth, Leo Gandelman, Mauro Senise, Luiz Gonzaga, Quinteto Violado, João Bosco, Paulinho da Viola, Orquestra Tabajara, Quinteto Brasileiro de Metais.

TECNOLOGIAS DA CONSCIÊNCIA: ARTE, CORPO E MÍDIAS

Autora: Aline Couri Fabião e Beatriz Lopes

Contato: alinecouri@eba.ufrj.br

A pesquisa “Tecnologias da consciência: arte, corpo e mídias”, desenvolvida pelo grupo de pesquisa humanas tecnologias (Escola de Belas Artes/UFRJ) tem como objetivo a desaceleração e reprogramação de nossas vidas contemporâneas através de obras e ações no campo formado pelas relações entre a arte e tecnologia. Cabe ressaltar que o conceito de tecnologia adotado compreende todo produto da inventividade humana (Pinto, 2005). A pesquisa compreende mapeamento e análise de obras de artistas que se interessam sobre a questão da consciência em estado de momento presente, leituras, debate sobre atenção plena, meditação e teorias orientais. Entendemos por consciência aquilo que se mantém constante, em nós, diferentemente dos pensamentos – sempre mutantes. Podemos citar como referências fundamentais artistas como John Cage, Linda Montano, Roy Ascott, Nam June Paik e principalmente Lygia Clark e suas obras “a casa é o corpo” e “objetos relacionais”. A frente prática-experimental inclui a conceptualização e desenvolvimento do que chamamos de “dispositivos de presença atenta” ou “dispositivos de reconexão”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALICE, Tania. PARC. **Performances de Arte Relacional como Cura**. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 396-412, fev. 2015.

BRETT, Guy. Lygia Clark: seis células. In: BASBAUM, Ricardo (org.) **Arte Contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. pp. 31-53.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas. Uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia. Vol 1 & 2**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

A FIGURA DO NEGRO E DO MESTIÇO NAS PINTURAS DO SÉCULO XIX

Autora: Sérgio Luiz Riça Leal e Glayce Marinho Borges

Contato: sschiavonep@gmail.com

A proposta desta pesquisa é examinar a formação da identidade nacional a partir das obras de acadêmicos e das obras artísticas em que o negro e mestiço são retratados que, no século XIX, se dedicaram a criar uma identidade para o Brasil. Para isso, buscaremos o estudo do negro e do mestiço no Brasil, a partir da fundação do IHGB e da historiografia existente à época. A pesquisa se iniciará com o estudo da formação de uma identidade nacional até a análise da construção da ideia de raça no Brasil.

Por meio de tais análises textuais, foram retirados trechos de autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Florestan Fernandes, entre outros que foram de fundamental importância para a obtenção de dados nesta pesquisa, visando a proposta de diálogo com a história social e cultural e promovendo o debate de raça no Brasil e instrumentalizando-os com os elementos comuns ao campo da obra de arte.

A pesquisa contribuiu para perceber a importância e a possibilidade de se estudar a história do Brasil sob o ponto de vista de diferentes teóricos e com o uso das pinturas históricas no âmbito das exposições gerais, que construíram com os diálogos sobre o assunto deste trabalho, dando ênfase à representatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLI, Jorge. **Como estudar a arte brasileira do século XIX?**, São Paulo: Editora SENAC, 2005.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e projeto de uma história nacional**. In.: Estudos Históricos, n°1, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil-Identidade Nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PEREIRA, Sônia Gomes. **Arte brasileira no século XIX**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

A MUSARMORIAL NA ILUMIARA SUASSÚNICA

Autora: Célia Patrícia Sampaio Bandeira

Contato: patriciabandeira2006@gmail.com

A obra de Ariano Suassuna é comumente lida como regionalista e herdeira da tradição medieval: personagens e motivos nordestinos são geralmente vinculados à Commedia dell'arte, sátira picaresca e figuração cristã medieval; entretanto, propomos um caminho de leitura que aponta para o fundamento oral da cultura nordestina que tange ao mais universal, e perguntamos: como a obra de Ariano Suassuna se constitui desde a música? No empenho de colher a ressonância da temporalidade mítica, arcaica — uma arché em que pensamento e poesia são originariamente música, escutamos na obra de Suassuna a gênese musical do “drama armorial” na região em que habita. O canto de Suassuna só será totalmente compreendido se trouxermos para a dinâmica da leitura a compreensão originária que reúne música, poesia e filosofia numa musarmorial. O poema é o encontro do aedo com o saber originário: poema musical pensante que pensa as origens da cultura brasileira, assim Suassuna se faz poeta-músico criando sua panfonia. O saber originário não é outro que não o saber do músico-poeta-filósofo, assim o maestro do circo da onça malhada articula as contradições de um Brasil real que faz concrecer transfigurado por harmonia armorial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SUASSUNA, Ariano. **Romance de Dom Pantero no palco dos pecadores. Livro I e II.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

EXPOSIÇÃO RASTROS DA VERDADE

Autora: Luciana Lombardo

Contato: lucianalombardo@forum.ufrj.br

A exposição “Rastros da verdade: arquivos e memórias da comissão da verdade do Rio de Janeiro” no Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ apresenta arquivos produzidos ou pesquisados ao longo dos dois anos e oito meses de trabalho da Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, criada pela Lei 6335/12, e instalada em maio de 2013. A inauguração ocorre no contexto do ciclo “Memória, movimentos sociais e direitos humanos”, promovido pelo Núcleo de Memória e Direitos Humanos do CBAE/UFRJ, que possui encontros semanais todas as sextas-feiras do primeiro semestre. A exposição traz uma memória das políticas de memória que existiram no país nos últimos anos, a partir do caso da Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro. No Brasil, a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) em 2012 abriu caminho para o surgimento de mais de uma centena de órgãos semelhantes em esferas estatais ou pelas mãos da sociedade civil. Os relatórios e acervos destas comissões são documentos de um tempo em que se jogou luz sobre as violências da ditadura, na contramão de um esquecimento forçado que por décadas foi questionado apenas por familiares de mortos e desaparecidos, ex-presos políticos e movimentos sociais. Hoje, como reação aos debates levantados naquele momento, o negacionismo volta a ganhar força. É nesse contexto que a exposição busca incidir, ao colocar em evidência o esforço coletivo de luta por memória, verdade, justiça e reparação representado pelas comissões da verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIO DE JANEIRO (Estado). **Comissão da Verdade do Rio. Relatório**. Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015. 456 p.

HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL: NOVAS ABORDAGENS E REFLEXÕES

Autores: Géssica Cristina Barral Farias Amorim, Geovana Nunes, Glória Hashimoto. Mylena Godinho, Rafael Silva, Renato Mendonça, Thyago Wang, Vitória Valentim
Contato: gessicabarral3@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Somos um grupo de estudos que reúne alunos do curso de História da Arte, que estão iniciando pesquisas que giram em torno da arte brasileira, abordando-a de forma contra hegemônica. Tais investigações pretendem seguir um viés de novas perspectivas teórico-metodológicas, que de alguma forma desviam de narrativas que já se consolidaram como tradicionais. Além de surgirem do ingresso de minorias não privilegiadas na universidade pública e dos lugares de representatividade.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Através de encontros semanais, com o intuito de compartilhar suas próprias descobertas mediante seus objetos de estudos pessoais, os participantes transformam suas investigações em debates e discussões, com a finalidade de reorganizar e revisar a historiografia da arte através de novas narrativas que se entrelaçam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciativa ainda se encontra em estágio inicial. Todavia, pretende-se, para 2020, expor todo material produzido em um evento a ser construído, comemorando em conjunto os 10 anos do curso de História da Arte e os 100 da UFRJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Aracy. **Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970: subsídio para uma história social da arte no Brasil.** São Paulo: Nobel, 1984.
- BELTING, Hans. **O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MBEMBE, Achille. **O tempo que se move.** Revista Cadernos de Campo. São Paulo, v. 24, n. 24, 2015.
- NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Ensaios. São Paulo: Aurora, n. 6, 2016.

OUTRAS HISTÓRIAS DA ARTE

Autora: Silvia Schiavone Petinari Cordeiro

Contato: sschiavonep@gmail.com

O presente trabalho aborda a minha pesquisa da especialização em linguagens artísticas, cultura e educação, onde busco problematizar as produções do cenário contemporâneo das artes visuais da e na baixada fluminense, com enfoque nos bairros de Nova Iguaçu, Belford Roxo, São João de Meriti, Mesquita e Nilópolis.

O projeto tem como proposta o fortalecimento das conexões entre a arte contemporânea e a Baixada Fluminense visando a problematização, o questionamento e o aprofundamento das questões que abordam a assimetria arbitrária ratificada nas dicotomias entre centro x periferia e popular x erudito.

O trabalho se deu na forma de um curso de extensão, ministrado num equipamento cultural institucionalizado e em outro não institucionalizado, resultou, também em duas exposições e em outras microações que ainda estão se desenvolvendo: grupos de estudo, rodas de conversa e aulas abertas. A ideia é que outros movimentos se articulem a partir destes encontros, onde as trocas e os saberes possuem uma horizontalidade que os artistas daqui dificilmente encontram no cenário artístico já existente fora de seus territórios. Existe uma exclusão que se mantém, seja ela geográfica, econômica e/ou simbólica. O trabalho visa promover a reflexão sobre quem pode legitimar ou não o que se produz nas periferias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2005.
CAMPOS, Marcelo et al. **História da arte - ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
DEWEY, John. **Arte Como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOBREVIVÊNCIAS EM PASOLINI

Autora: Rosane Barata Machado Alves

Contato: rosanebarata@yahoo.com.br

O objeto desta pesquisa está circunscrito ao realinhamento poético da produção cinematográfica de Pier Paolo Pasolini compreendida entre os filmes que compõem a trilogia da vida, sua abjuração, e Salò, ou os 120 dias de Sodoma, a fim de afirmar a contemporaneidade da discussão pasoliniana em diálogo com a concepção de biopolítica segundo Giorgio Agamben.

O cinema de Pasolini tem, sempre, algo a ver com a morte e com a possibilidade de fazer alguma coisa sobreviver além da morte. Por isso, quando fala de cinema, utiliza as categorias sobre as figuras dantescas, de Auerbach. Por esta razão, encontramos em Pasolini o uso do termo “sobrevivência” com um significado nem sempre análogo ao que, segundo George Didi-Huberman, se encontra no léxico de Aby Warburg. Além disso, podemos aproximar de Pasolini os conceitos de biopolítica e contemporâneo, de Giorgio Agamben, para discutir os processos políticos que se evidenciam através da obra de arte.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A partir do cinema de Pier Paolo Pasolini, fazer discutir os campos da História da Arte, Literatura, Filosofia e Política da Arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi George Didi-Huberman que recentemente focalizou a sua atenção sobre o conceito de sobrevivência em Pasolini. Podemos afirmar que Pasolini demonstra uma consciência direta, nos seus textos, do conceito de sobrevivência; não se deve, porém, perder de vista que no uso que Pasolini faz do termo, ele amplia a sua significação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.

BAZZOCCHI, Marco Antonio. **Esposizioni: Pasolini, Foucault e l'esercizio della verità**. Bolonha: il Mulino, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

LAHUD, Michel. **Os jovens infelizes**. São Paulo Brasiliense, 1990.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo hereje**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1982.

A PRODUÇÃO DO CORPO NEGRO NA CENA DE DANÇA

Autores: Tatiana Maria Damasceno, Lucas Santos, Bellas da Silveira, Elen Mesquita, Caio Roberto, Luís Silva, Rhaiane Silvestre,
Contato: tatidamaria@gmail.com

O presente trabalho tem como escopo essencial trazer reflexões sobre a importância da composição coreográfica em dança, como lugar de criação e transmissão de conhecimentos de afro-brasileiros, a partir de experiências individuais ou coletivas. Nesta perspectiva, dentro da universidade, a ação de pesquisar, criar e produzir dança torna visível o trânsito do corpo negro, da margem para o centro da produção de novos conhecimentos e discussões. No espaço da centralidade, o corpo negro se coloca em cena na relação com o outro é assume um papel imediato: “realiza a ação direta da produção da presença”, essa produção de presença numa coletividade, pode ser compreendida como um movimento social e político em que os sujeitos organizam práticas, expressam vontades e valores, afirmam identidades, articulam discursos abrindo espaço para novos significados e uma maior interação dos indivíduos (DAMASCENO, 2015). O Núcleo de Pesquisa em Dança e Cultura Afro-brasileira do departamento de Arte Corporal vem desde 2003 desenvolvendo estudos sobre as práticas performáticas afro-brasileiras e questões relacionadas à corporeidade negra na sociedade. Um dos resultados da pesquisa é a criação e apresentação de espetáculo coreográfico. Em 2018, iniciamos a composição do espetáculo Agô (pedido de licença na língua iorubá) que entrelaça de forma poética na cena, movimentos, imagens, poesias e falas que percorrem o cotidiano de atores sociais afrodescendentes, relacionando-os com a linguagem da dança contemporânea por meio de uma investigação coreográfica que busca intensificar e diversificar as possibilidades desse encontro. Através de diálogos, tensões e contradições estabelecidas com os indivíduos no universo urbano, até hoje, os afrodescendentes experimentam na pele a perpetuação de traumas culturais. Porém, alicerçados nas “narrativas de lutas na terra”, no “jogo de guerreiros no caminho”, no “chão de ofensas” eles ecoam com força, gestos de luta por respeito e oportunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar**. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. SP: Selo Negro, 2009.

O HIBRIDISMO CULTURAL NO PAGODE ROMÂNTICO

Autor: João Luís dos Santos Meneses

Contato: joaoluismeneses92@gmail.com

O pagode despontado na década de 1990 parece dar continuidade ao movimento iniciado por Fundo de Quintal em 1970 na quadra carnavalesca Cacique de Ramos, ao mesmo tempo em que usa elementos musicais oriundos da *Black Music* estadunidense. Considerando tal hipótese, o presente trabalho, que se encontra em fase inicial e se caracteriza ainda como projeto de pesquisa, pretende investigar o modo como se deu a recepção e apropriação dessas práticas musicais distintas pelo pagode de 1990. Esse pressuposto foi fundamentado a partir do conceito de “identidade cultural na pós-modernidade” de Stuart Hall (2005), o qual sugere a ideia de identidades híbridas a partir do encontro entre diferentes culturas. Para Hall, a globalização é responsável pela inserção de gostos e costumes de países dominantes em sociedades subdesenvolvidas. No caso específico do nosso objeto, o país dominante em questão são os Estados Unidos que, pelo que constatei durante minha monografia e vivência como músico de pagode, parece exercer influência significativa no samba de 1990. Esse contato com a cultura musical anglo-americana, sobretudo a partir da década de 1990, se deu através não só do rádio e do cinema, como nas décadas anteriores, mas também da televisão, de modo geral, e da MTV, de modo particular. Também a partir de 1990, influenciados diretamente pelo pagode do Fundo de Quintal, surgiram grupos de samba em diversas regiões do país, principalmente em São Paulo, fato que rendeu o apelido de “pagode paulista”. Os primeiros nomes de destaque foram Raça Negra, Só pra contrariar e Negritude Junior, grupos de maior vendagem de discos durante a década. Observou-se a partir daí duas linhagens de fazer samba que se diferenciam principalmente pela base rítmica que usavam. Uma linhagem continuava com os padrões rítmicos oriundos do Cacique de Ramos e a outra fez renascer um padrão conhecido como “padrão Benjor”, que era uma batida de violão encontrada pioneiramente nas músicas de Jorge Ben Jor e que foi usado bastante pelo violão e pela caixa da bateria pelos novos pagodeiros. Ambas as linhagens acrescentaram instrumentos eletrônicos como guitarra, teclado, e contrabaixo, além da bateria que é um instrumento acústico. Acompanhando o processo de mudança, o pagode trouxe também a linguagem musical estrangeira, principalmente estadunidense. Essa influência norte americana se dá principalmente nas melodias, no estilo de canto e na indumentária dos artistas, como poderá ser visto através da análise de trechos melódicos transcritos e da indumentária utilizada nas capas dos discos acessados. Pretendo, a partir das constatações iniciais – limitadas até agora aos aspectos sonoros - identificar e analisar também, não só o modo como a cultura estadunidense influenciou os pagodeiros, mas todas as disposições sociais, agora baseado também na ideia de “habitus” de Bourdieu (2008), que vieram a contribuir para a produção dessa prática. Por hora, acho importante compartilhar os resultados que possibilitaram a idealização desse projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução: Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. DP&A. Rio de Janeiro, 1a ed, 2005.
- TROTTA, Felipe. **Samba e mercado nas músicas nos anos 1990**. Escola de comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, tese de doutorado. Rio de Janeiro.

OBSERVATÓRIO DE CARNAVAL/LABEDIS/MN/UFRJ

Autor: Tania Conceição Clemente, Tiago José Freitas Batista, Rodrigo Pereira da Silva Rosa e Cleiton Almeida.

Contato: tiagofreitas.professor@gmail.com

O OBCar/LABEDIS/MN/UFRJ é uma ação que visa promover espaços para discussões teóricas do carnaval com pesquisadores estudantes de pós-graduação e graduação. Como objetivos específicos pretende-se formar estudantes para pesquisas em carnaval no âmbito de suas investigações; inserir os estudos de carnaval na pauta de assuntos da academia; observar acontecimentos do carnaval instituindo teorias compatíveis; fomentar a observação do carnaval em âmbito de discurso, imagem e som. Os estudantes participam de mesas com sujeitos fazedores do carnaval. Além disso, são desenvolvidos estudos das sinopses e dos sambas a serem apresentados na avenida. Com todos os debates fluindo no pré-carnaval, é entregue um parecer acadêmico para cada escola, ressaltando aspectos teóricos com o a prática carnavalesca. Nos dias de carnaval os estudantes se dividem pela Marquês de Sapucaí para estudar a execução dos desfiles pelo viés plástico (Benjamin), narrativo (Bruner) e discursivo (Pêcheux), que culminará na premiação dos melhores trabalhos em uma solenidade denominada troféu OBCar. Além desta visão de arquitetura e execução dos desfiles, trabalhamos também com eventos científicos, tais como: jornada acadêmica de pesquisas em carnaval e seminário carnavais do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2014.

BRUNER, Jerome. **A construção narrativa da realidade**. *Critical Inquiry*. Trad. Waldemar Ferreira Netto, 1991.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. Editora da UNICAMP, 1997.

SIMBOLISMO PRETO NA PAISAGEM DA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO

Autoras: Dandara Augusto dos Santos e Maiara Cristina Viana da Silva

Contato: maiaracviana10@gmail.com

Na cidade do Rio de Janeiro são diversos os espaços que se voltam para as práticas culturais que valorizam ou ressignificam as heranças provenientes da diáspora do povo preto, e que possuem elevada projeção no processo de valorização da auto-estima e cultura afrodescendente, heranças estas que também forjam a identidade deste povo. Procura-se identificar e compreender as manifestações culturais populares e grafias referentes ao povo preto no espaço da zona portuária da cidade, área essa que abrange os bairros da Saúde e Gamboa neste trabalho. Além disso, compreender a importância de tais práticas espaciais urbanas no local referido é uma tarefa importante dentro dessa pesquisa. Neste trabalho foram utilizados os conceitos de paisagem vernacular, lugar e identidade. Os dois primeiros para ajudar na compreensão das origens e perpetuação das manifestações culturais, presentes nas grafias como símbolo material e imaterial, do povo preto. O segundo nos permite entender a relação entre as marcas na paisagem, a herança cultural e ancestral e as práticas espaciais dos diferentes grupos que se manifestam na zona portuária do Rio de Janeiro como partes do processo de formação do povo preto. Serão utilizados ainda, recursos fotográficos, análise teórica e cartográfica como metodologias fundamentais de leitura e interpretação da paisagem, para a compreensão histórica e geográfica desses grupos e grafias no local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORRÊA, Roberto Lobato. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. CORRÊA, Roberto Lobato,
- ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 219-237, 2012.
- COSTA, Otávio. **Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares**. *Espaço e cultura*, p. 149-156, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 9, p. 38-47, 2002.
- GUIMARÃES, Roberta. **A utopia da Pequena África**. Os espaços do patrimônio, 2011.

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO SUPERIOR DE VIOLINO

Autora: Kelly Davis Cruz Moura

Contato: kdavis.moura@gmail.com

Apresentação este pôster é um breve resumo da dissertação defendida no curso de mestrado em música na UFRJ, acerca do relacionamento professor-aluno no curso de violino da Escola de Música da UFRJ. Os seguintes aspectos foram abordados: os caminhos da formação do estudante em música na graduação, sua trajetória de aprendizagem do instrumento até o ingresso na universidade, a atuação profissional no mercado de trabalho carioca e a importância do professor nesse processo. Descrição da experiência: os principais sujeitos deste trabalho foram os estudantes de graduação e professores do Curso de Bacharelado em Música – UFRJ. Pensar o ensino superior em música requer a ampliação do espaço de sala de aula, pensando a educação como processo de formação do aluno-cidadão e do professor-cidadão frente às diferenças e singularidades de cada indivíduo. Realizamos uma pesquisa bibliográfica com estudo de campo, numa abordagem qualitativa, onde o pesquisador participa diretamente no processo de coleta de dados. Dos 13 alunos inscritos no curso no segundo semestre de 2012, 9 alunos foram entrevistados e receberam o questionário. Considerações finais: constatou-se que, dentro do cenário de educação musical, pouco se enfoca no ensino superior. Ora o enfoque está no aluno, ora no professor e pouco se destaca sobre a relação, sobre o “entre”. A perspectiva do relacionamento professor-aluno sob o âmbito da educação precisa de uma visão que desconstrua o predomínio autoritarismo. O diálogo e a troca se tornam necessários no binômio aprender–ensinar. Humanizar e tornar a universidade um espaço de relações humanas na esfera do ensino superior em música será o melhor caminho. O repertório é sempre o mesmo, mas os tempos, o mundo e cenário musical são outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEÃO, Emmanuel C. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis, vol.1, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública – a pedagogia crítico social dos conteúdos**. São Paulo, Edições Loyola, 2011.

ARTE E PERTENCIMENTO

Autoras: Sulamita Inácio Freire e Letícia Carvalho

Contato: sula.freire@gmail.com

Pensando na relação arte e vida e nas condições cotidianas, muitas vezes não favoráveis ao desenvolvimento de processos criativos e à construção de uma relação afetiva para com a cidade, o curso “Arte e pertencimento” tem por propósito estimular uma aproximação sensível da linguagem artística e sua relação com os jovens e seus entornos por meio de debates, leituras de textos e experimentações artísticas. Objetiva-se, com isso, intensificar o caráter de pertencimento e de responsabilidade para com os locais que ocupam e atuam, viabilizando uma inserção de forma democrática naquilo que é coletivo. Esta proposta acontece em formato de curso de curta duração, a partir de uma parceria entre o Centro de Responsabilidade Socioambiental do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o Cap/UFRJ. O curso é composto por 10 aulas, que têm a durabilidade de duas horas cada e contempla os jovens que frequentam o programa social do Centro. Atualmente a ação conta com duas extensionistas e uma bolsista, que participam ativamente junto às professoras propositoras. Tal parceria viabiliza uma rica experiência pedagógica, socialmente referenciada, a fim de investigar e legitimar as capacidades criativas e os conhecimentos do campo das artes em um espaço político, público e que se quer democrático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. BARBOSA, Ana Mae (org). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CANTON, Katia. **Da política às micropolíticas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. [Coleção temas da arte contemporânea].
- VINHOSA, Luciano. D’ANGELO, Martha (orgs.). **Interlocuções: estética, produto e crítica de arte**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CRIAÇÃO, FORMAÇÃO E RESISTÊNCIA

Autores: Celeia Machado, Marilane Abreu Santos, Adriana Fresquet, Ana Luiza Tovar Faro, Anna Thereza do Valle Bezerra de Menezes, Andrea Pinheiro da Silva, Céli Palacios do Nascimento, Katia Araujo, Maya Inbar, Letícia Carvalho, Maksin Oliveira, Maria Alice Sena, Maria Cristina Miranda, Mariana Guimarães, Mario Ferraro, Rodrigo Alves da Silva, Sulamita Freire, Vinícius Viva

Contato: celeiamachado@yahoo.com.br

O “Arte na educação básica” é desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFRJ e envolve quatorze projetos as áreas de artes cênicas, artes visuais, cinema, dança e música. Estes projetos têm consolidado ao longo de mais de uma década a formação docente, a pesquisa e a produção de arte na educação básica fundamentada na perspectiva de artista-docente a qual vem desenvolvendo os docentes do CAp no campo da pedagogia das artes. Através de ações articuladas, objetiva-se consolidar espaços de diálogo sobre produção de arte e saberes das diferentes linguagens na educação básica com a comunidade universitária e com os demais colégios de aplicação do país nas várias interfaces das atividades de ensino, pesquisa e extensão. A residência artística e o intercâmbio propõem um diálogo entre artistas, docentes e licenciandos do ensino da arte em suas diferentes linguagens em colégios de aplicação de diferentes estados. O seminário de pesquisa em artes na educação básica tem o fim de promover o encontro acadêmico das pesquisas na área. As ações coletivas em arte pretendem visibilizar trabalhos e intervenções artísticas produzidas no âmbito do projeto. Todas as ações artísticas envolvidas são pensadas e geridas na escola e para a escola envolvendo docentes dos CAp e estudantes da educação básica e da graduação. Espera-se, assim, afirmar a educação básica como lugar de potência, resistência e produção efetiva de conhecimento, arte e cultura.

DRAWING THINKING E AS POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO

Autora: Thamires Magalhães

Contato: thamiresgiacometti@gmail.com

Através da história nos sistemas educacionais, desenho tem sido sempre considerado parte exclusiva das aulas de artes, carregando o misticismo do “talento”, com o qual se nasce ou não. Em nossa sociedade sempre foi considerado um fim e possui o peso de resultado ao invés de meio como uma ferramenta de aprendizado exploratório, discursivo e de pesquisa. O desenho deveria ser uma habilidade ensinada assim como a leitura e escrita, por se tratarem de tipos complementares de linguagem, que, unidas, criam a forma mais precisa da comunicação, reduzindo drasticamente espaço para mal entendidos.

Através de pesquisas e acompanhamento de turmas de Ensino Fundamental, Médio e Graduação, venho coletando dados que possibilitem a abertura de uma discussão mais profunda sobre o papel do desenho na educação atual, focando principalmente na abertura de caminhos e alternativas aos alunos, oferecendo a eles mais liberdade consciente de expressão e autonomia crítica quanto suas opções de escolha para tal.

Visualização das possibilidades trazidas com o ensino de *drawing thinking*, quais as técnicas importantes para dar base criativa aos alunos, o que é o “alfabeto do desenho”, para que os alunos possam montar suas palavras e frases a partir dele. Proporcionar mais autonomia crítica e de pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FILORDI, Alexandre. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 587-602, abr./jun. 2013.
- SCHNEIDERS, Sebastian. **Drawing to Learn**. Piet Zwart Institute, Willem de Kooning Academy, Master Education in Arts Rotterdam, June, 2017.
- MALTA, Márcio José. **Conhecimento & Diversidade**. Niterói, n. 9, p. 130–139, jan./jun. 2013.

EncenaAÇÃO - FORMAÇÃO DE PROFESSORES, ARTISTAS E PESQUISADORES NO CAP UFRJ

Autores: Andrea Pinheiro da Silva, Celeia Machado, Céli Palacios do Nascimento, Maksin Barbosa de Oliveira, Rodrigo Alves da Silva

Contato: celeiamachado@yahoo.com.br

O projeto “EncenaAção” reúne todos os projetos do setor de artes cênicas do CAP-UFRJ que investigam a realização artística no universo escolar. Promove produção teatral na escola, espaço de prática profissional para graduandos das licenciaturas e bacharelados da área artística, bem como formação continuada dos profissionais e docentes de diversas áreas. Entrelaça as seguintes ações: “EncenaAção” – processo de montagem teatral nas aulas de teatro do CAP, propõe a vivência da criação e da produção de um espetáculo; conversas sem fim – ciclos de debates e cursos destinado aos estudantes e profissionais da arte e da educação; teatro em gotas – pesquisa sobre o jogo e seus indutores; grupo de teatro capachos da arte, de caráter extracurricular, voltado para estudantes do CAP; laboratório de produção teatral na escola – núcleo de apoio técnico e operacional para as mais diversas atividades do setor; educação e sentido: oficinas de teatro para professores em formação continuada – pesquisa sobre o jogo teatral na formação docente; comunidade em cena – curso de iniciação teatral voltado para comunidade da UFRJ e seu entorno; fórum de professores de artes cênicas e dança da educação básica – encontros com professores destas áreas privada com o fim de compartilhar práticas e saberes. Tais ações têm consolidado uma identidade para o ensino, pesquisa e extensão no campo da pedagogia do teatro, a qual vem desenvolvendo as artes cênicas do CAP. Sobretudo, o grande diferencial deste projeto consiste no seu enraizamento na educação básica: os estudantes do CAP são os principais criadores e produtores de arte, as ações se realizam inseridas e a partir do espaço físico da escola e a coordenação e gestão de todas as ações são de professoras do CAP. O “EncenaAção” é pensado e gestado na escola e para a escola, certo de que a educação básica é lugar de potência, resistência e produção efetiva de conhecimento e arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO, Celeia; NOVO, Maria Fátima S.; PINHEIRO, Andrea; AZEVEDO, Debora. **Ser Professor de Artes Cênicas no CAP-UFRJ – Entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão**. Revista Teatro. Tocantins: v. 2, nº 2, 2014.

INTERSEÇÕES DA ARTE E A INVENÇÃO DE SI

Autores: Ana Luiza Marques de Tovar Faro e Anna Thereza de Menezes

Contato: tovarfaro4@gmail.com

O curso de extensão “Interseções da arte e a invenção de si” estuda as interseções entre a prática artística e a prática pedagógica a partir do levantamento de referências artísticas e bibliográficas sobre o tema. Propõe uma abordagem horizontal e o fazer coletivo aproximando pedagogia e arte de forma prática, através da criação e realização de ações artísticas abertas ao amplo público. Para tal, abordamos diversos artistas e coletivos cujos trabalhos se aproximem do formato e dos objetivos presentes no fazer artístico que interage diretamente com o “outro”. Consideramos que a reverberação de práticas artísticas que são voltadas para ou até mesmo realizadas pela interação do público/ população carregam em si um caráter pedagógico que nos interessa estudar e desenvolver junto aos participantes do curso. Pretende-se assim, garantir o acesso a referências variadas e amplo material teórico para fomentar o fazer consciente e contextualizado, além de proporcionar um espaço de trocas de experiências e construção coletiva. O curso desenvolve ações artísticas a partir das quais são propostas intervenções no espaço, realização de objetos relacionais ou de vivência coletiva, visando estabelecer diálogos entre aspectos da arte e do cotidiano. O curso encontra-se em sua quarta edição e seguirá investigando o lugar do docente/artista em sua constante invenção de si. Como resultado deste curso, espera-se a construção tanto de um conhecimento empírico a partir das práticas artística e pedagógica oriundas deste fazer bem como, o estímulo ao aprendizado a partir da observação das experiências de artistas e educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISHOP, Claire. **Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship**. London and New York: Verso, 2012.

BOURRIAUD, Nicolas. **Arte Relacional**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HELGUERA, Pablo; HOFF, Monica (org.). **Pedagogia no Campo Expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, p. 14, 2011.

INVESTIGAÇÕES FOTOGRÁFICAS

Autores: Cristina Miranda, Veronica de Almeida Soares, Fernando de Sousa Rodrigues, Daniela Schmidt Castro, Julia Barcelos Bittencourt, Ana Vitória Miranda T. V. Carvalho, Isabela Magalhães e Alice Branquinho

Contato: crismiranda2@gmail.com

O projeto “Investigações fotográficas” organiza, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão, um campo de investigação/reflexão de procedimentos fotográficos – históricos, artesanais, analógicos e digitais – na construção de poéticas artísticas e formadoras em relação com o ensino da arte. Destina-se à reflexão sobre a relação entre o processo educativo e a fotografia, a arte, as tecnologias e a produção e circulação da imagem fotográfica no cotidiano e na contemporaneidade.

Desenvolve-se em três linhas de ação: 1) atividades de ensino da fotografia e do fotográfico no campo das artes visuais nas turmas de ensino médio do CAP-UFRJ atendidas pelo projeto; 2) pesquisa sobre experiências significativas no campo das artes visuais (artísticas e de formação) que se utilizem de processos fotográficos históricos (alternativos, moleculares e/ou analógicos) como a cianotipia, a fotografia pinhole, dentre outros e sua relação com o ensino das artes; 3) atividades de extensão dirigidas em especial (mas não exclusivamente) a professores da rede pública e estudantes de licenciatura e pós-graduação em artes visuais envolvendo experiências educativas, a reflexão sobre os meios audiovisuais e a educação e a expressão artística dos participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIETRICH, Jochen. **Câmara obscura: algumas idéias sobre a fotografia pinhole – nas artes, na estética, na educação.** Porto Arte, Porto Alegre, v. 9, nº 17, p. 61-72, 1998.

FATORELLI, Antonio. **Fotografia contemporânea: entre o cinema, o vídeo e as novas mídias.** Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2013.

FLUSSER, Vilem. **A filosofia da caixa preta.** São Paulo: Hucitec, 1985.

O CORPO NAS ARTES VISUAIS

Autoras: Letícia Carvalho da Silva de Oliveira e Virna Bemvenuto

Contato: cabelenta@gmail.com

Projeto de ensino e pesquisa desenvolvido no Colégio de Aplicação desta Universidade desde 2017, que investiga o corpo como potência criativa e como matéria para a criação em artes visuais. Neste ano de 2019, iniciamos um processo experimental com propostas que requisitam e privilegiam o corpo, os gestos e as ações nas séries dos anos iniciais do ensino fundamental, na perspectiva de se aprofundar na relação corpo-arte-escola. Desse modo, tais experiências serão elaboradas e estruturadas a fim de proporcionar uma reflexão sobre os seus processos metodológicos e desenvolvimento artístico, no âmbito das aulas e das construções criativas que visam a performance.

Durante o segundo trimestre deste ano letivo todo o planejamento das turmas do terceiro ano do ensino fundamental, será pautado em linguagens centradas no corpo. Tais experiências serão analisadas e outra vez trazidas ao corpo, no processo de construção da performance (Per)Formação, pelas proponentes deste trabalho.

Essa pesquisa se proporá de forma inaugural a extrapolar o universo da sala de aula, culminando sua investigação numa performance pautada nas memórias do corpo-arte-escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MATESCO, Viviane. **Corpo, Imagem e Representação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.
MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
PACCELLI, Eugênio. **Desenho Inscrito no Corpo** (tese). Minas Gerais: UFMG, 2010.

OFICINA DE ARRANJO, CRIAÇÃO E PERFORMANCE MUSICAL NO ESPAÇO ESCOLAR

Autor: Mário Jacinto Ferraro Junior

Contato: marioferraro.cap.ufrj@gmail.com

Apresentação de projeto desenvolvido em sala de aula de música do CAP-UFRJ com o objetivo de promover o desenvolvimento do potencial expressivo individual dos seus participantes por meio da investigação, da apreensão e da manipulação dos elementos da linguagem musical, em atividades que priorizam o fazer musical coletivo.

Objetivo principal: promover o desenvolvimento do potencial expressivo individual dos seus participantes por meio da investigação, da apreensão e da manipulação dos elementos da linguagem musical, em atividades que priorizam o fazer musical coletivo, contemplando desde os processos de escolha, preparação e criação de repertório, até a sua apresentação pública.

Objetivos secundários: 1) promover a iniciação à linguagem específica e às técnicas básicas dos instrumentos musicais disponíveis na sala de aula; 2) promover a abordagem teórica dos elementos básicos de arranjo e composição musical; 3) promover a atuação musical efetiva antes e durante as performances, visando a otimização da experiência, tanto dos alunos quanto dos licenciandos em música desenvolvendo seus estágios nas turmas envolvidas.

Metodologia das atividades promovidas a cada aula: 1. Escolha do repertório, acompanhada de um pré-planejamento dos futuros arranjos; 2. Planejamento e preparo do arranjo de uma canção ou obra instrumental existente ou da criação coletiva de uma composição inédita; 3. Culminância: a execução pública dos arranjos e dos eventuais trabalhos autorais dos alunos.

RESULTADOS

1. É criada a base de uma pesquisa teórica e prática sobre as possibilidades e adequações da prática musical de conjunto como estratégia metodológica central para o desenvolvimento do conhecimento e das habilidades musicais dos alunos no espaço escolar; 2. São elaboradas práticas e atividades pedagógicas alternativas que envolveram os processos de construção e apresentação pública de repertório musical; 3. É criado um repertório de canções arranjadas, criadas e apresentadas coletivamente a cada aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Rosemyriam. **A Prática Musical Coletiva**. Revista Brasileira de Música. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Música. Escola de Música. Universidade Federal do Rio de Janeiro. V. 26, nº 2, p.345---365, Jul./Dez. 2013.

KOELLREUTTER, Hans J. **O Ensino da Música num mundo modificado**. *Cadernos de Estudo: educação musical*, Belo Horizonte, v. 6, p. 33---44, 1997.

SANTOS, Regina Marcia S. **Uma Educação Musical face a sensibilidade urbana da presente modernidade**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 6, 1993, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPPOM, 1993. p. 120---127.

TEATRO EM GOTAS: JOGO, AÇÃO E CENA

Autores: Júlia Helena M. Pereira e Yasmin Silva da Costa

Contato: detapinheiro@gmail.com

O projeto “Teatro em gotas”, realizado nas aulas de artes cênicas do Colégio de Aplicação da UFRJ sob a coordenação e orientação da professora Andréa Pinheiro, busca explorar e expandir a linguagem teatral do aluno, fomentando a criatividade e estimulando o trabalho coletivo. Nas práticas realizadas em aula, são aplicados jogos teatrais a partir de elementos cênicos, ações espaciais, improvisos, imagens, personagens, narração e texto. Através do jogo, o aluno tem a capacidade de aprimorar o que aprendeu, buscando variações e criando novas percepções acerca de como agir em cena.

Em 2019, realizamos nosso trabalho junto aos alunos-atores do primeiro ano do ensino médio, turma 21b (composta por 10 alunos), na qual houve a introdução da criação de pequenas cenas provenientes de textos escritos pelos próprios alunos e a análise do espaço escolar: “todo jogo significa alguma coisa. Não se explica nada chamado “instinto” ao princípio ativo que constitui a essência do jogo; chamar-lhe de “espírito” ou “vontade” seria demasiado. Seja qual for a maneira como o considerem, o simples fato do jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência.” (Huizinga, 2007). Com base nos jogos abordados em aula, escolhemos trabalhar com o texto teatral “Conselho de classe”, de Jô Bilac, que retrata o cotidiano de um grupo de professoras de uma escola pública carioca.

Nosso objetivo é selecionar trechos do texto, com vistas a criar novas cenas, de autoria dos próprios alunos. Durante o processo, trabalharemos o foco, o objetivo, a ação cênica e as relações dos alunos-atores, contribuindo para o desenvolvimento coletivo de um breve espetáculo. “Os jogos teatrais são muitas vezes relacionados com uma forma de aprendizagem cognitiva, afetiva e psicomotora embasada no modelo piagetiano para o desenvolvimento intelectual.” (Spolin, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROOK, Peter. **A porta aberta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HUIZINGA, JOHAN. **HOMO LUDENS. O JOGO COMO ELEMENTO DA CULTURA**. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 2007.

RYNGAERT, JEAN-PIERRE. **JOGAR, REPRESENTAR**. SÃO PAULO: COSAC NAIFY, 2009.

SPOLIN, VIOLA. **O JOGO TEATRAL NO LIVRO DO DIRETOR**. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 1999.

A ARTE COMO UM INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL: UM CORAL PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Autora: Gabriela dos Santos Cardozo

Contato: sggabisc@gmail.com

O Centro de Referência para a população em situação de rua de Niterói é uma unidade pública voltada para o atendimento especializado para a população em situação de rua. Dentre os serviços prestados estão: atendimentos individuais e coletivos para adultos e famílias que utilizam as ruas como espaço de moradia e sobrevivência; encaminhamentos, através do acolhimento e escuta qualificada, para as redes de políticas setoriais e demais órgãos de garantia de direitos.

Foi realizada uma roda de Conversa com 14 usuários referenciados no Centro Pop de Niterói, com o tema: Afinando Relações. A realização da oficina foi uma proposta de intervenção de estagiários do Serviço Social e se dividiu em duas partes: 1º Conhecer os usuários e suas relações com a música; e 2º Possibilitar a reflexão e apreensão dos direitos individuais e coletivos, fortalecendo os vínculos pessoais, através de uma dinâmica com temáticas vivenciadas em seu cotidiano.

A proposta de construir coletivamente um coral formado pela população em situação de rua, como uma intervenção do Serviço Social, visa o fortalecimento de vínculos de pertencimento social e de acesso aos direitos humanos para a reconstrução de novos projetos pessoais, preservando a integridade e autonomia dos usuários. “O que mais interessa é a função exercida pela arte na vida cotidiana dos homens. A arte, ao contrário da vida cotidiana, oferece-nos um mundo homogêneo, depurado das “impurezas” e acidentes da heterogeneidade próprias do cotidiano.” (Lucáks).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCEIÇÃO, Débora Guimarães. **O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social**. Serviço Social em Revista. Londrina, vol. 12, nº 2, 2010.

FREDERICO, Celso. **Cotidiano e arte em Lucáks**. Estudos avançados. São Paulo, vol.14,n.40, 2000.

A CONSULTORIA MUSICAL PARA ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO DE CONCERTOS DE MÚSICA INSTRUMENTAL ERUDITA: UM PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO

Autor: Felipe Vieira Monteiro

Contato: consultorfelipemonteiro@gmail.com

A necessidade desta pesquisa surgiu a partir da experiência pessoal como usuário e consultor em audiodescrição (AD) em espaços culturais, inclusive salas de concertos. Após um ano de trabalho, era preciso entender como é a estrutura de um roteiro de AD para concertos? Como o público usuário do recurso recebe este roteiro? Como as contribuições de um consultor graduado em música podem ser absorvidas pelo roteiro? E como deve ser o perfil do consultor para trabalhar neste tipo de espetáculo.

A pesquisa compreende a análise comparativa entre um roteiro sobre a dinâmica musical escrito pelo consultor com deficiência visual com formação em música e o roteiro elaborado pela audiodescritora para um concerto de música instrumental erudita a partir do roteiro do consultor especialista. Ainda são considerados testes de recepção realizados pela empresa de AD.

O roteiro final absorveu a maior parte das sugestões do consultor com formação em música, inclusive com sentenças idênticas. As sentenças alteradas ou criadas pela audiodescritora advêm das sugestões do consultor. Sobre o trabalho do consultor com deficiência, espera-se uma série de conhecimentos específicos em música, além de seguir outras abordagens e estratégias com fins pedagógicos, psicológicos, cognitivos e de desenvolvimento emocional.

ACESSANDO UNS AOS OUTROS

Autores: Virgínia Kastrup (coordenadora), Mariana Moreno, Lívia Geoffroy, Amanda Rego, Ítalo Santos

Contato: acessandounsaosoutrosufrj@gmail.com

A UFRJ possui cotas para alunos com deficiência (lei nº 13.409/2016), sendo desafiada a construir um programa amplo de acessibilidade e inclusão. Nesse contexto, foi criado no Instituto de Psicologia o projeto de extensão “Acessando uns aos outros”, que aposta na potência da arte para promover encontros entre eficiências e deficiências. Para todos os estudantes, o encontro com a diversidade amplia a percepção do mundo, do outro e de si mesmo, criando condições para uma formação universitária mais plena.

O projeto realiza Encontros Estéticos, que consistem em práticas artísticas e apresentações de estudantes com e sem deficiência que possuem interesses no campo da arte. Os encontros são realizados pelo NUCC –Núcleo de Pesquisa Cognição e Coletivos do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ, no Campus da Praia Vermelha.

A arte como mediadora pode criar condições favoráveis à aproximação de pessoas com diferentes modos de estar no mundo e à partilha de experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KASTRUP,V. **Cegueira e invenção: Cognição, arte, pesquisa e acessibilidade**. Curitiba: CVR, 2018.
- DINIZ,D. **O que é deficiência**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 2012. v.1.
- MORAES, M; KASTRUP, V. (Org.) **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: NAU, 2010.

ACESSO E PERMANÊNCIA DO INDIVÍDUO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: EXPERIÊNCIAS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ACESSIBILIDADE CULTURAL.

Autores: Felipe de Oliveira Miguel e Patrícia Silva Dorneles

Contato: miguelfelipe12@hotmail.com

Atualmente muito se fala sobre a inclusão e a igualdade de condições de acesso e permanência nas instituições de ensino. Apenas o acesso nas instituições não garante a inclusão, é preciso oferecer recursos que assegurem a aprendizagem do aluno com deficiência e a sua permanência no ambiente, superando assim, as barreiras impostas por uma educação excludente. A universidade deve então, não apenas acolher o aluno em seu meio, como também fornecer os subsídios necessários para que a sua aprendizagem e permanência sejam garantidas.

No ano de 2010, o Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural, proposta entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e o Ministério da Cultura – Minc, implementou uma formação em acessibilidade cultural para gestores e trabalhadores da área da cultura. O aluno surdo que ingressa no ensino superior fica com o seu aprendizado comprometido se a instituição não oferecer o devido suporte. Este trabalho tem como objetivo relatar experiências e práticas pedagógicas adotadas na especialização para inserção efetiva do aluno surdo em todo o seu processo formativo de dois anos e meio.

O Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural buscou como estratégias pedagógicas gravações das aulas, disponibilização de materiais em uma linguagem acessível, formação para os intérpretes, tutor para toda a sala, adequação das atividades e avaliações, tendo em vista que a primeira língua destes indivíduos não é o português. Todos os envolvidos se empenham em ultrapassar as barreiras existentes, sejam elas de cunho arquitetônico, comunicacional ou atitudinal. Por isso, há o intuito de compartilhar a nossa experiência e, quem sabe, ampliar a rede de interessados em tornar a UFRJ mais inclusiva. O caminho ainda é longo, mas os primeiros passos foram dados e é mantido um cuidado especial para que as dificuldades possam continuar sendo superadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARRAF, V. P, *in* **Acessibilidade em ambientes culturais**. Eduardo Cardoso, Jeniffer Cuty (Org.) – Porto Alegre: Marca Visual, 2012.

ANDRADE, Maria Edgleuma de. **Ampliação do acesso à educação superior: compromisso com a inclusão social?** Editora Universitária da UFPB, 2012.

ARAUTOS DO MUNDO E CASA DA CIÊNCIA - UMA PARCERIA EM PROL DA DIVERSIDADE

Autores: Carlos Alexandre Celano, Rosa Alba Sarno, Telma Gil, Isabel Cristina de Alencar

Contato: telma@casadaciencia.ufrj.br

A parceria com o Projeto de Extensão “Arautos do Mundo” do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB/UFRJ) se aproxima das atividades que a Casa da Ciência (FCC/UFRJ) vem realizando ao longo de sua existência, discutindo e efetivando a divulgação científica e o seu acesso à comunidade, inclusive aos grupos sociais expostos a situações sistemáticas de discriminação e intolerância nas sociedades. Tem por objeto a divulgação de conhecimentos e de produções artísticas, e de popularização da ciência, sob a coordenação conjunta dos parceiros.

Esta parceria tem acontecido mediante a realização de atividades conjuntas, como compartilhamento de vídeos-depoimentos e curtas já produzidos, exploração de interesses em comum pela fotografia, artes cênicas e plásticas das culturas afro-brasileira, indígenas e populares, e visitas a espaços culturais que nos aproximam destes conteúdos, como o Museu de Literatura de Cordel. Buscamos favorecer a circulação dos usuários do IPUB pela cidade do Rio de Janeiro, e pelos saberes e fazeres dos grupos historicamente excluídos que são nossos parceiros externos à academia.

Entendemos que nossas ações possibilitam o reconhecimento destes grupos como sujeitos de direito, juntamente com as dimensões de alteridade, da pluralidade, da interculturalidade e da diversidade de sua existência, com efeitos incontestáveis para a saúde mental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLORÉS, Joaquín H. **A (re)invenção dos direitos humanos**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.
UFRJ. **Plano de Desenvolvimento Institucional da Casa da Ciência/FCC**. Equipe da Casa da Ciência, 2016.

ARTE E CULTURA PRODUZ SAÚDE NA FAVELA

Autor: Henrique Dantas

Contato: natural.arts16@gmail.com

Este trabalho surge no âmbito do projeto de extensão “Educação, saúde e cultura, em territórios da periferia urbana”, orientado pelo professor da UFRJ Gustavo Figueiredo. Este projeto acontece nas favelas da Maré e de Manguinhos, localizadas na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, e busca promover uma articulação intersetorial entre as áreas da educação, saúde e cultura no território de favela. Particularmente neste trabalho abordaremos sobre as atividades que acontecem na favela de Manguinhos, com participação multidisciplinar de graduandas(os) dos cursos de Serviço Social, Psicologia e Fisioterapia.

O aporte teórico que norteia este trabalho conta com autores como Paulo Freire, pensando uma educação popular e dialógica, o autor Milton Santos, quando analisamos o território e observamos os fixos e fluxos, que, neste caso, são as instituições públicas, os movimentos sociais e a população daquele lugar. Buscamos em Foucault o entendimento sobre a biopolítica e correlação de forças, o discurso e a relação de poder na sociedade.

Nossa metodologia é composta por observações sobre a favela de Manguinhos, planejamento e ações junto com a população. Desenvolvemos ações junto com alunas(os) do curso realizado na biblioteca, o intuito é articular com o setor da saúde, representado pelo CAPS Magal, uma ação sobre promoção da saúde e democratização de direitos em conjunto com a Roda do Paquistão - um movimento de hip hop que acontece na pista de skate na Praça do PAC, em Manguinhos – promovendo uma roda de conversa sobre resistência cultural e organização social.

Esperamos com este trabalho contribuir para que as redes possam comunicar e construir, por meio da intersetorialidade, possibilidades para produzir junto com a população caminhos possíveis para transformação social nesses territórios vulnerabilizados pelo descaso do poder público e falta de articulação entre os setores de educação, saúde e cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, Gustavo; Wimmer, Gert. **Ação coletiva para qualidade de vida: autonomia, transdisciplinaridade e intersetorialidade**. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso), v.11, p.145-154, 2006.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ASTRONOMIA ALÉM DOS OLHOS

Autores: Sílvia Lorenz-Martins, Elisa Maria, Jackson Farias, Aires Silva, Erica Bhering, Rayssa Bastos, Priscila Marques

Contato: slorenz@astro.ufrj.br

No momento em que a inclusão é pauta de tantos debates e que o próprio governo reforça a importância de incluir alunos com deficiência em salas de aula regulares, passamos por tempos sombrios para a ciência e para o ensino da mesma. Tais obstáculos diante de cortes orçamentários e abandono chegam aos alunos os fazendo sentir imensa dificuldade no aprendizado na área de ciências. Diante da realidade da baixa quantidade de material para o mundo da inclusão, notou-se o interesse de trabalhar a multidisciplinaridade da astronomia.

Este trabalho teve como objetivo desenvolver material tátil para o ensino de astronomia para pessoas cegas e com baixa visão. Desenvolvemos um caderno tátil utilizando material de baixo custo cujo conteúdo didático foi elaborado para alunos do 6º ano. Sua arquitetura é feita em moldes de auto relevo, auto contraste, texturas, padrões, escalas e Braille. Tal caderno pode ser obtido através do Instituto Benjamin Constant. Adicionalmente desenvolvemos uma lua em 3D.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bernardes, Adriana. **Astronomia inclusiva no universo da deficiência visual**. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Soares, Karla; Castro, Helena; Delou, Maria. **Astronomia para deficientes visuais: inovando em materiais didáticos acessíveis**. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias v.14, n.3, p. 377-391, 2015.

CINECLUBE “ARTE E CIDADANIA”

Autor: Adolfo Lachtermacher

Contato: adolfo@forum.ufrj.br

A história recente do Brasil apresenta caminhos tão inesperados que para chegarmos próximos a uma compreensão, ainda que parcial, dos fatos, é preciso recorrer a abordagens diversas que vão de pesquisas acadêmicas às produções artísticas contemporâneas que tratam dos temas em foco. Este projeto propõe a realização de uma mostra de filmes com temática sobre os últimos cinquenta anos da história brasileira. Cada sessão será seguida de um debate com pelo menos dois convidados: um que aborde o filme a partir de suas características de linguagem e outro que o faça tendo o conteúdo e os fatos narrados como norte. A intenção é que uma leitura contamine a outra tornando a relação com a obra um momento de emergência de diálogos pouco usuais e, contando ainda com a participação do público, potencialmente fecundos.

Este projeto é uma parceria com a UC- Universidade da Cidadania, que vai de encontro à política de interação entre a Superintendência de Difusão Cultural e Difusão Científica e as demais unidades do Fórum assim como da UFRJ como um todo. As projeções acontecerão na sala Moniz de Aragão, no Palácio Universitário. A parceria com a Universidade da Cidadania permite programar uma certificação dos encontros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UFRJ. **Você Faz Cultura**. Disponível em: http://www.forum.ufrj.br/images/_forumcc/pdf_e_odt/revista_voce_faz_cultura_final_web.pdf. Acesso em 25 de fev. de 2019.

COLEÇÃO ZOOLOGICA DIDÁTICA DO MUSEU NACIONAL E A ACESSIBILIDADE PARA TODOS

Autores: Vera Lucia Vieira de Souza e Igor Rodrigues

Contato: veravieira1@gmail.com

O Museu Nacional atua na interface de memória e produção científica, sendo a mais antiga instituição científica do Brasil. O presente trabalho tem como objetivo exemplificar o uso de recursos de tecnologia assistiva na acessibilização da coleção zoológica didática de empréstimo para pessoas com deficiência.

Foi realizada a análise da coleção e selecionados seis itens representativos para os quais foram propostos e elaborados recursos de tecnologia assistiva para proporcionar experiências multissensoriais, com figuras em relevo, uso de videogravação em Libras, texto em linguagem simples e texto com símbolos gráficos.

Pessoas com deficiência estão presentes entre os visitantes de instituições culturais e incluídos em escolas, público-alvo das coleções de empréstimo. Para que o museu cumpra seu papel na educação formal e não formal, é preciso que todos possam fruir e ter acesso ao conhecimento. A tecnologia assistiva possibilita a acessibilidade para pessoas com diferentes condições físicas e cognitivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lutz, B. J. M. **A função educativa dos museus**. G. G. De Miranda, M. J. V. da C. Santos, S. N. De M. Estevão, V. M. M. Da Fonseca (orgs.). Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008. (série Livros do Museu Nacional, v. 33).

Manzini, E. J. **Tecnologia assistiva para educação: recursos pedagógicos adaptados**. In: Ensaio Pedagógico: construindo escolas inclusivas. Brasília: Seesp/MEC, p. 82-86, 2005.

Sarraf, Viviane Panelli. **Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência – benefícios para todos**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação / nº 6, junho de 2018.

ESTRATÉGIAS PARA MEDIAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO MUSEU DA GEODIVERSIDADE (IGEO/UFRJ)

Autoras: Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos, Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro e Vera Lucia Vieira de Souza

Contato: damiane@igeo.ufrj.br

O Museu da Geodiversidade (MGeo) do Instituto de Geociências (Igeo) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) propõe-se a receber a todos com a mesma qualidade, porém ainda existem algumas barreiras que dificultam o acesso e a fruição para algumas pessoas com deficiência. No viés de eliminar barreiras atitudinais e comunicacionais, buscou-se desenvolver estratégias de acessibilidade voltadas para as geociências, em especial, sobre o conteúdo abordado na exposição “Memórias da Terra”, a fim de contribuir para a recepção de crianças com deficiência intelectual. O estudo teve caráter essencialmente qualitativo, com ênfase na observação e discussão do levantamento e análise das publicações relevantes. Está fundamentado em ideias e pressupostos de teóricos que apresentam significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos: Romeu Sasaki, Aline Castro, Vanessa Dea e Edison Duarte, Viviane Sarraf e Paulo Freire. A partir da observação não-participativa realizada, constatou-se que a equipe do MGeo trabalha para a eliminação da exclusão cultural. No entanto, ainda existem alguns fatores que necessitam ser aperfeiçoados para atender às necessidades específicas de alguns indivíduos. Algumas estratégias foram sistematizadas e analisadas para auxiliar e viabilizar uma mediação acessível para crianças e jovens com deficiência intelectual. Com construção do roteiro de mediação para a exposição “Memórias da Terra” do MGeo pretende-se reduzir ao máximo as barreiras comunicacionais para que todos os visitantes possam aprender e desfrutar deste espaço cultural de uma maneira mais equitativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Aline R. de S. F. de. **Caminhando em direção ao museu inclusivo: diagnóstico de acessibilidade da exposição “Memórias da Terra” (Museu da Geodiversidade–IGEO/UFRJ) como mapeamento das intervenções necessárias.** Tese da Especialização em Acessibilidade Cultural da UFRJ. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 8a.ed., 2010.
SARRAF, Viviane Panelli. **Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência –benefícios para todos.** Revista do Centro de Pesquisa e Formação, nº 6, junho de 2018.

LIMPANDO O ABEBÉ: CARTOGRAFIAS DE NARRATIVAS INFANTO-JUVENIS NA PEQUENA ÁFRICA – RJ

Autores: Anna Carolina Santos, Márcia da Costa, Juli da Costa, Jean Vital de Souza, Sarah Rodrigues Freire

Contato: annacarolinatrab@gmail.com

Ao constatar que mais de 50% da população brasileira se autodeclara negra (IBGE, 2010) e, observar a invisibilização ou baixo impacto, da difusão e circulação de produções artístico-culturais afro-diaspóricas nas instituições de arte e cultura do país, o projeto “Identidades abertas” surge com intuito de promover ações voltadas à valorização da cultura africana e/ou afro-diaspóricas em equipamentos culturais da cidade do Rio de Janeiro. Mais especificamente, no território da Gamboa, situado no circuito histórico e arqueológico de celebração da herança africana, que contempla o Cais do Valongo reconhecido pela Unesco no ano de 2017 como patrimônio histórico da humanidade. As ações desenvolvidas no projeto visam contemplar a cultura africana, como estratégias de afirmar a dignidade humana da população negra brasileira, em especial, dos residentes desse território onde se localiza o Cais do Valongo, ou seja, o porto onde mais se recebeu africanos escravizados no Brasil e, que até hoje, é perceptível no cotidiano de vida de pessoas negras do país os resquícios da violência do período colonial. Nesse sentido, promover ações que favoreçam estratégias de restituição, ou de reparação histórica, ou ainda, ações que promovam processos de reontologização africana do negro no Brasil faz-se mais do que urgente na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASANTE, K. M. **Afrocentricidade**. Tradução de Ana Ferreira e Ama Mizani. Afrocentricity International, Philadelphia, 2014.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. **Como exibir a arte africana: os museus americanos e suas múltiplas Áfricas**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2011.

NASCIMENTO, E. L. **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MULHERES INSTRUMENTISTAS DE SOPRO EM ORQUESTRA E BANDAS DO RIO DE JANEIRO: UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS DA INSERÇÃO FEMININA NO ÂMBITO MUSICAL NO PERÍODO DE 2011 A 2016

Autora: Anne Caroline de Oliveira

Contato: annecarolinesax@gmail.com

Resumo: o presente trabalho busca investigar como o predomínio masculino é visto pelas mulheres musicistas de sopro dos naipes (metais e madeiras) em orquestras e bandas do Rio de Janeiro no período de 2011 a 2016. O trabalho inclui entrevistas com algumas integrantes desses grupos musicais, levantamentos de dados dos ingressantes do Curso de Bacharelado em Instrumentos de Sopro da UFRJ e da Unirio, consulta à hemeroteca da Biblioteca Nacional e acesso às programações (via Cedoc) da Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Destacam-se duas referências que contribuíram para realização desta pesquisa que foram: a teoria das sociólogas Daniele Kergoat e Helena Hirata (2007) que desenvolveram o conceito de campo do trabalho e das relações sociais e sexo. Kergoat foi muito importante para sistematizar o conceito de divisão sexual do trabalho que está vinculado na base social da opressão e da desigualdade. Partindo de dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho: 1º separação – a separação do trabalho de homens e mulheres – e 2º hierarquia, Kergoat avalia que o trabalho dos homens tem mais relevância do que das mulheres. As mulheres rompem barreiras sociais ao entrarem nas orquestras através da qualificação. Nesse espaço, a desigualdade é predominante e é superado com dificuldade e resistência.

Essa pesquisa teve como intuito analisar a trajetória das mulheres desde o início da educação musical até a vida profissional e ressaltou as dificuldades referentes à escolha de ser tocar um instrumento de sopro do naipe de metal ou madeira. Palavras-chave: mulheres instrumentistas de sopro, orquestra, banda, trabalho musical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARQUES, Jorge. **Canção interrompida: as compositoras brasileiras dos anos 30/40**. Niterói, v.3, n.1, p. 41-47, 2º sem., 2002.

MATEIRO, Teresa. **Do tocar ao ensinar: O caminho da escolha**. Revista Eletrônica da ANPPOM. Volume 13, nº 2, 2007. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/309>. Acesso em: 04 abr. 2017.

OUTROS COMUNS: ACESSIBILIDADE E CIDADANIA CULTURAL EM UM MUSEU DE TERRITÓRIO

Autores: Renata Caruso Mecca; Roberta Pereira Furtado da Rosa; Mayra Brandão Bandeira; Viviane Laporth Pinheiro Costa; Mariane Bezerra Ferreira; Samara Aparecida Moura Paulino Xavier; e Elton Junior Pereira de Oliveira.

Contato: meccadasartesa@yahoo.com.br

Vemos atualmente a necessidade de reafirmar os valores de uma política pautada na cidadania e na diversidade cultural. Nesse sentido, o projeto “Outros comuns”, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e o Instituto Federal do Rio de Janeiro, atua no Museu da História e da Cultura Afro-brasileira em ações voltadas para grupos em situação de vulnerabilidade social para auxiliar no processo de reconhecimento de sua produção cultural e acesso aos equipamentos de cultura. Envolve a construção de um mapa e de um inventário participativo pela população em vulnerabilidade social moradora da Pequena África, como apropriação e ressignificação dos lugares, atividades, relações e grupos que compõem aquilo que estes identificam como cultura do território. A vida-obra do artista Bispo do Rosário foi um dispositivo de acessar a cultura do território, aproximar a comunidade ao museu e auxiliá-la a inventariar e reconhecer seu patrimônio. A ação potencializou a construção da memória, o debate sobre disputas e direitos sobre o território, ativou redes de suporte/pertencimento, promoveu acessibilidade cultural a partir do reconhecimento das manifestações culturais e modos de vida como patrimônio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil) – IPHAN. **Educação Patrimonial: Inventários Participativos/ manual de aplicação**. Brasília: IPHAN, 2016. TOLENTINO, A.B. **Educação patrimonial decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal**. Sillogés, v.1, n.1, jan./jul. 2018.

PALHAÇARIA E ACESSIBILIDADE CULTURAL

Autoras: Vera Lucia Vieira de Souza e Débora Lembi Neves

Contato: veravieira1@gmail.com

A apresentação “Palhaçaria e acessibilidade cultural” discute a possibilidade de participação de pessoas com deficiência em atividades de palhaçaria. Utilizando a menor máscara do mundo, segundo Lecoq, o pequeno nariz vermelho, que tipo de ação palhaços poderão desenvolver com e para as pessoas com deficiência?

Partindo-se da premissa do Curso de Pós-graduação em Acessibilidade Cultural, essa experiência é composta pela descrição de alguns profissionais – palhaças e palhaços, com e sem deficiência, que realizam apresentações com e para pessoas com deficiência na cidade do Rio de Janeiro.

O desafio atual é incorporar a experiência multissensorial no espetáculo, possibilitando a pessoas com necessidades específicas participar ativamente como público ou protagonista. O âmago da experiência da palhaçaria com o foco na acessibilidade cultural é voltado para a ação do rir de si mesmo, rir com os outros, defendido por Bakhtin. Acessar o sentimento interior, perder o medo do ridículo, trabalhar com a verdade, encontrar uma transposição de sentimentos por uma escrita poética do gesto, esse é o caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bakhtin, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec: UnB, 1987.

Lecoq, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. São Paulo: Editora Sesc, 2010.

PARTICIPAÇÃO SOCIOCULTURAL DA POPULAÇÃO IDOSA

Autores: Claudia Reinoso Araújo de Carvalho, Clara Araújo de Oliveira, Nathália de Araújo Barbosa, Thais Marques dos Santos, Daiane Souza Viana, José Valdir Nogueira da Silva Junior, Patrícia Silva Dorneles, Carolina Rebellato.

Contato: laureinoso.ufrj@gmail.com

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo por base as estimativas do ano de 2017, a população com mais de 60 anos já havia superado o marco de 30,2 milhões, o que representa 13,5% dos brasileiros (IBGE, 2018). Este contingente traz desafios nas esferas social, cultural, de lazer e saúde. Portanto, faz-se necessário que o envelhecimento seja alvo de diferentes iniciativas, contemplando também os aspectos sociais que envolvem esta população.

O projeto de extensão e pesquisa intitulado “Participação sociocultural da população idosa” foi construído em consonância com as atuais políticas culturais e com as políticas públicas dirigidas à população idosa. Com base na Política Nacional de Extensão Universitária, a extensão é entendida como um processo interdisciplinar, educativo, cultural e científico, capaz de permitir a interação entre a universidade e a sociedade, e propiciar a troca de saberes entre senso comum e científico (Forproex, 2012). A proposta objetiva entender e abordar as dificuldades no acesso das pessoas idosas aos espaços culturais e fomentar a fruição cultural desta população aos equipamentos culturais, considerando o impacto das políticas acerca do envelhecimento com o consumo cultural do público em questão.

A ação se propõe a realizar grupos de discussão com os idosos e visitas em diversos equipamentos culturais. O foco da ação são os idosos de diferentes regiões do Rio de Janeiro, frequentadores de unidades de saúde, centros de convivência, coletivos de idosos e/ou outros grupos constituídos a partir de projetos de extensão e pesquisa. Além disso, a proposta prevê a organização de eventos em temas relacionados à cultura e oficinas com o público alvo do estudo para a discussão das experiências realizadas.

Espera-se com o projeto contribuir na produção de conhecimento na temática, na transferência de conhecimento para a sociedade e na formação de recursos humanos em gerontologia, cultura e áreas afins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Gráfica da UFRGS, (Coleção Extensão Universitária; v. 7). Porto Alegre, RS, 2012.

PROPOSTA DE AD PARA ANIMAÇÃO DO CANAL “O INCRÍVEL PONTINHO AZUL”

Autora: Cristiana de Barcellos Passinato

Contato: crispassinato@iq.ufrj.br

Este trabalho é ideia de um artigo de TCC da III Turma de Especialização de Acessibilidade Cultural do departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da UFRJ. Pensou-se na audiodescrição (AD) de um vídeo de ciências para crianças do Canal de *Youtube* “O incrível pontinho azul” por conta da necessidade de começar a produção de acessibilidade desse espaço. O vídeo tratado conceito de proteínas de forma lúdica e interessante para crianças.

O estudo foi iniciado com uma delimitação da revisão bibliográfica histórico-temporal em um recorte de 10 anos. O foco dessas leituras direcionou-se a vídeo aulas, educação à distância e do uso da AD. Em um segundo momento, buscou-se participação de consultores para construção da proposta do roteiro em questão. Por fim, o roteiro foi discutido e analisado do ponto de vista teórico. Tendo em vista a importância do direito da criança com deficiência visual, outras deficiências e necessidades específicas também terem acesso a conteúdos científicos de forma lúdica, considerou-se de grande importância desenvolver um projeto para a produção de acessibilidade do Canal citado, iniciando pela AD. Pensa-se nas fases de produção do vídeo com AD e outros recursos, bem como as publicações em revistas científicas pós-defesa do TCC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jefferson Fernandes; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; BRAGA, Klístenes Bastos. **Acessibilidade e Educação a Distância: a videoaula por meio da audiodescrição**. Fortaleza, 2018. (no prelo).
ALVES, Jefferson Fernandes. **Audiodescrição e deficiência visual: a palavra como contra imagem**. In: BRITO, Pedro Amaro de Moura; BRITO, João Rodrigo de Moura (Ed.). **IV Círculo – Rodas de conversa bakhtiniana: nosso ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012. p. 285-287.

REDES E TERRITÓRIO: ARTICULAÇÕES EM AÇÕES NO CAMPO DA ACESSIBILIDADE CULTURAL

Autora: Marianna Kutassy

Contato: mariannna@gmail.com

O trabalho abrange o processo empreendido com vistas à construção coletiva da programação de um seminário em acessibilidade cultural no Centro de Artes UFF (Ceartes), com recurso metodológico de “rede de indicações” como dispositivo de ativação de rede de acessibilidade no território. As articulações de ações, ao curso e decorrer do processo tencionam, a curto e médio prazo, a implementação de uma política de acessibilidade cultural no Ceartes, bem como investir esforços junto a distintas instâncias da universidade à inserção da disciplina de acessibilidade cultural na grade curricular do curso de bacharelado em produção cultural na UFF. Dados resultantes a partir de pesquisa no portal eletrônico da UFF, apontam a realização de 19 eventos com o tema “acessibilidade” e “inclusão” no território, entre 2013 a 2019, com identificação inicial de 9 atores-parceiros. Um considerável aumento de eventos foi registrado a partir da criação do Curso de Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão, em 2013. A mobilização à construção coletiva da programação do seminário e o evento em si, preparará um fértil terreno ao processo de inserção da disciplina de acessibilidade cultural no curso de produção cultural, o que contribuirá num futuro próximo ao aumento de atuação de atores no campo da acessibilidade. A implantação de política de acessibilidade cultural no Ceartes contribuirá para a sensibilização do seu público frequentador e ampliação na compreensão acerca da diversidade humana.

ARTE, MÚSICA E CARNAVAL NOS PROTESTOS POLÍTICOS DE RUA NO RIO DE JANEIRO

Autor: Daniel Marcos Martins

Contato: mozartdanielmarcos@gmail.com

A música pode colaborar na expressividade do protesto de rua? A cultura assinala dimensões inéditas no conflito social. O riso combate a opressão. Oposição do riso contra o sério. Os elementos carnavalescos, como a máscara também estarão presentes, a festa da inversão se torna o protesto de resistência. São formas de expressar a protestar, porém não são o fim e sim um meio. A arte pode ser impactante, música e política não são separadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTIN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicações, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, 7ª ed. 2013.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, 4ª edição, 1983.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Música folclórica e Movimento Cultura**. In: DEBATES - Cadernos de Programa de Pós-Graduação em Música, nº 6, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A Cultura Popular na Idade Média e No Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo, 2010.

D'AGUIAR, Isabel Gomide Freire. Depoimento. [25 de abril, 2017]. Rio de Janeiro. Questionário concedido ao autor.

LABORATÓRIO DE SENSIBILIDADE E DEVIRES - LSD

Autoras: Denise Mattos, Monica Rocha e Nathália Massi

Contato: lsdufrj@gmail.com

Apresentação: “LSD” é um projeto de extensão da Faculdade de Medicina/UFRJ, que visa o alargamento do sensível tendo como potencial-experimental, as muitas possibilidades de arte compartilhadas coletivamente para fora do LSD.

Corpo e aura – performance converso sobre qualquer assunto (Eleonora Fabião). Ação desenvolvida em espaços públicos.

Considerações finais: 1) há muitos mundos lá fora que não são acessados no espaço acadêmico; 2) abertura para o encontro x todo tipo de preconceito; 3) compartilhamento de experiências; 4) “Muitos textos” em uma só conversa; 5) “A partir desse entendimento, o papel do artista é transformar o transeunte em seu **desconhecido íntimo: (...)**” (Giordano 2014,p. 42 apud Rodrigues, 1974, p. 125 e 126).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Giordano, Davi. **Ações de rua como a busca pelo encontro e pelos afetos. Revista Observatório da Diversidade Cultural.** Belo Horizonte, volume 01, nº 01, 2014 www.observatoriodadiversidade.org.br/revista. Acesso em 23 de maio de 2019.

Fabião, Eleonora. **Performance e teatro : poéticas e políticas da cena contemporânea.** Sala preta. São Paulo, volume 8, 2008. [Http://www.revistas.usp.br/salapreta/issue/view/4700](http://www.revistas.usp.br/salapreta/issue/view/4700). Acesso em 23 de maio de 2019.

LABORATÓRIO POÉTICO

Autoras: Anna Thereza Menezes e Marilane Abreu

Contato: annatvbm@gmail.com | mari.abreu.santos@gmail.com

O “Laboratório poético” visa observar, experimentar e refletir sobre a cidade, suas variadas camadas de visualidade, seus aspectos culturais, históricos, políticos e sociais. Passível de ser lida e costurada a partir de memórias e experiências pessoais, a cidade se reconfigura nas trocas coletivas realizadas nas ações do projeto. Através do caminhar e de propostas artísticas, o projeto estimula outras formas de vivenciar o espaço urbano e possibilita diversas apropriações e reelaborações de sentidos.

Ativo desde 2017, o “Laboratório poético” realizou cursos de extensão, caminhadas coletivas, intervenções artísticas na cidade, além da produção e compartilhamento de material pedagógico. Atuando de forma indissociável com ensino, pesquisa e extensão, as ações do projeto estão abertas a professores da educação básica de diversas áreas, estudantes de graduação, pós-graduação e educação básica, artistas e público em geral que tenha interesse na área. O projeto conta hoje com quatro bolsistas (2 Pibiac, 1 Pibic e 1 de extensão). Com pesquisas variadas, os estudantes apresentaram-se em eventos acadêmicos e artísticos e, em 2018, os integrantes receberam a menção honrosa da 9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ.

O laboratório integra também o projeto “Arte na educação básica”, proposta realizada de forma coletiva entre os setores de artes visuais, artes cênicas e música do Colégio de Aplicação, que recebeu o prêmio PROART do Fórum de Ciência e Cultura, em 2019. Suas ações são divulgadas através do site: <https://laboratório-poetico.blogspot.com/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Ed. G. Gili, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

RODA CULTURAL DA TAQUARA-UM ESTUDO SOBRE A AUTONOMIA DO TRABALHO MUSICAL

Autores: Pedro Moreira Magalhães e Prof. José Alberto Salgado

Contato: pedraoviolino@gmail.com

O trabalho se dedicou a analisar os caminhos do trabalho musical dentro de uma roda de rap: seus processos de produção, aprendizado, comercialização e integração nos ambientes sociais e políticos que são gerados em cada forma musical. Quando falamos em “trabalho” geralmente utilizamos uma noção que se encontra diametralmente oposta ao nosso conceito de “arte”. Enquanto a arte faz parte de um mundo etéreo, distante das preocupações do cotidiano, o conceito de “trabalho” geralmente se refere a assuntos que tratam da subsistência e da manutenção das próprias condições: ganhar dinheiro, comprar comida, educar os filhos e outros afazeres.

O presente estudo buscou elucidar de que maneira a arte musical se desdobra como trabalho e de que maneira esse trabalho se relaciona com as condições objetivas dos meios nos quais se desenrola, e suas implicações e capacidade de mudar esses referidos meios. Compreendendo esses problemas, pode-se chegar ao entendimento das problemáticas surgidas nos últimos anos em relação às políticas públicas de cultura e suas consequências para a música e maneiras de produção.

A metodologia escolhida para a realização do trabalho foi a observação participante no campo escolhido, além da leitura reflexiva de dois autores, utilizando-os posteriormente para uma análise de dados. O campo escolhido foi a “Roda cultural da Taquara”, um evento de rap e hip hop que acontece no bairro de mesmo nome na zona oeste do Rio de Janeiro, onde eu participei como violinista.

O referencial teórico escolhido foi pensado de maneira a contextualizar o papel da arte enquanto trabalho. Da obra “A condição humana” (2014), foram utilizados os conceitos de labor, obra e ação elaborados por Hannah Arendt, relacionando-os com o contexto específico do trabalho musical. Também foi utilizado o conceito de “mundos artísticos” delineado por Howard Becker (1982) e sua análise das cadeias de produção e das realidades particulares de cada manifestação e forma de arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

BECKER, Howard. **Mundos da arte**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

A DESCOLONIZAÇÃO DO CORPO ATRAVÉS DA ARTE: UM ESTUDO DA PSICOSSOCIOLOGIA COM JOVENS URBANOS PERIFÉRICOS

Autores: Jean Vitor Alves Fontes e Beatriz Akemi Takeiti

Contato: jean.vitor37@gmail.com

Em virtude dos desafios que existem na sociedade atual com a violência e genocídio das minorias sociais, é válido pensar na psicologia como uma área relevante para o desenvolvimento de pesquisas que intervenham nos problemas sociais. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) no Atlas da Violência (2018), a taxa de homicídio da população negra (40,2%) em 2016 foi duas vezes e meia maior do que a de não negros (16,0%) no Brasil. De acordo com o Grupo Gay da Bahia, no relatório de mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil (2018), foram mortas 420 pessoas LGBTQ+ vítimas da LGBTQfobia, sendo 320 homicídios (76%) e 100 suicídios (24%).

Um dos meios que essa população encontra para lutar e garantir os seus direitos é através dos movimentos sociais. De acordo com Jesus (2012), estes unem pessoas com os mesmos sofrimentos e conversam sobre essas dores a partir de uma visão política, tornam mais clara a ideia de democracia, onde o poder emana do povo, não apenas no voto para os representantes, mas também na constante luta por direitos. Entendendo que os movimentos artísticos e culturais podem ser lidos como movimentos sociais, esta pesquisa busca compreender quais os efeitos que os movimentos artísticos culturais periféricos produzem nos corpos juvenis e como esses efeitos atravessam o seu cotidiano e as experiências em territórios periféricos da cidade. Na tentativa de refletir sobre os efeitos e não das causas da violência, este estudo será realizado junto ao Coletivo Cultura Zona Oeste (RJ), que oferece atividades de teatro, dança e circo para jovens de favela no bairro de Campo Grande – RJ.

O referencial teórico desta pesquisa busca um diálogo entre a psicossociologia, a perspectiva teórica da decolonialidade e os seus diálogos com a teoria da interseccionalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GRUPO GAY DA BAHIA. **Mortes violentas de LGBTQ no Brasil: Relatório 2018**. Publicado em 2019.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro, 2018.
- JESUS, J. G. **Psicologia social em movimentos sociais: uma revisão contextualizada**. *Psicologia e Saber Social*, 1 (2), p.163-186, 2012.

JUVENTUDE(S): VAMOS PRO ROLÊ?

Autores: Beatriz Akemi Takeiti, Mônica Villaça Gonçalves, Yann de Cicco Pina, Luiz Rafael Bezerra Neto, Paulo Roberto da Silva Vieira Filho, Amanda Regina Fontes Lago, Julia Sant'Anna de Souza Schwarz, Raquel Carvalho dos Santos, Tatiana Portes da Silva Pereira

Contato: biatakeiti@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Os projetos de extensão “Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território” e “Vamos pro rolê? Juventude(s), mobilidade urbana e direito à cidade” estão vinculados ao Departamento de Terapia Ocupacional e propõem desenvolver oficinas de arte-cultura em espaços institucionais e espaços públicos no território do complexo do alemão. O projeto conta com estudantes de curso de graduação de diferentes áreas – terapia ocupacional, serviço social, história da arte e geografia. Em 2019, os projetos estão sendo realizados conjuntamente, com a proposta de realizar atividades de reflexão sobre cidadania, direitos humanos, direito à cidade e mobilidade utilizando para tais recursos artísticos culturais. Antes concentrava a realização das ações na Escola Estadual Olga Benário Prestes e na organização não-governamental Educap e atualmente, de forma itinerante, temos realizado as oficinas em serviços, equipamentos da saúde, educação, cultura e em coletivos que trabalham com jovens neste território. Tal itinerância se apresenta como uma proposta de articular uma rede intersetorial para acolhimento das demandas juvenis.

Entendemos que a utilização de recursos de arte e cultura permitem uma maior aproximação com o jovem, estabelecendo um espaço de diálogo e relações democráticas, onde o saber do outro tem espaço e valor de troca e em que os diferentes saberes permitem que as relações aconteçam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCON, S; LANCETTI, A; RAMÔA, M; PETUCO, D; PEKELMAN, R. **Território, Território existencial e Cartografia.** _____, s/d.

ALMEIDA, R. S de. **Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo.** Ver. Instituto de Estudos Brasileiros, v.56, p.151-172, 2013.

BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. **Terapia Ocupacional Social.** Revista de Terapia Ocupacional USP, v.13, nº 3, p.95-103, set/ dez, 2002.

BONDIA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [online] 2002, nº 19, pp.20-28. ISSN1413-2478.

SLAM DAS MINAS RJ: A PO(ÉTICA) E O AGIR PERFORMATIVO

Autoras: Semirames Khattar e Letícia Brito

Contato: sk.cissa@gmail.com

A articulação em movimento de corpos femininos que pretendem expressar a limiaridade e precariedade contra o esquecimento de sua história e memória como possibilidade de construção da alteridade para a materialização de direitos para além das políticas indenitárias através da poesia performativa é escopo dessa roda de conversa. Investigar a epistemologia e método da interseccionalidade em produções nacionais e internacionais e os múltiplos níveis sujeição/ resistência do feminino. Investigação da construção das representações sociais e categorias de diferenciação sociais em multinível por meio de entrevistas semiestruturada aplicadas às mulheres que transitam no “*Slam das minas- RJ*”.

Descrição e sistematização das variáveis interseccionais encontradas sobre os posicionamentos, trajetória pessoal e justificações sobre atividades praticadas e poesias performadas no “*Slam das minas- RJ*”. Identificação das categorias simbólicas e referências da estrutura social acerca de gênero, raça, classe, e corpo, enunciadas nas narrativas das mulheres inscritas no “*Slam das minas- RJ*”. Correlacionar as narrativas e percepções encontradas através dos três eixos do referencial teórico (poética, performatividade, e resistência interseccional).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Gênero, Raça, Classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades**. v. 20, p.27-55, 2015.

BRITO, Letícia. **Slam das minas-RJ. “Intervenção de emergência”**. Caderno 1.2018.

D’ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator - MC**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HIRATA, Helena. **Gênero, Classe e Raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v.26, 2018.

MATTOS, Patrícia. **O conceito de interseccionalidade e suas vantagens para os estudos de gênero no Brasil**. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Grupo de trabalho Novas Sociologias: pesquisas interseccionais feministas, pós-coloniais e queer. 2011.

YOGA MARGINAL E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS NAS PERIFERIAS

Autoras: Tainá Antonio Fernandes e Beatriz Akemi Takeiti

Contato: taina-fernandes@hotmail.com

“Yoga marginal”, um projeto pessoal e parte da minha pesquisa de mestrado, tem como intenção o resgate social e saúde coletiva nas periferias através da prática do yoga. Atualmente, a Baixada Fluminense é o território de ação do projeto e essa escolha pode ser justificada pela invisibilização desse território dentro das pesquisas acadêmicas e por ser o meu lugar. A Baixada Fluminense, com quase três milhões de habitantes, é uma das maiores concentrações urbanas da América Latina e marcada por um padrão comum de segregação da classe trabalhadora (Alves, 2002).

Uma das intenções dessa pesquisa é entender como o corpo pode gerar significado social, e como podemos sentir cada violência cotidiana e ainda assim mover além. É dentro dessa conjuntura que apresento a filosofia do yoga e a meditação como um possível caminho de transformação nesses territórios. Entretanto, compreendendo a distância existente entre yoga e classes populares, um dos objetivos dessa pesquisa é entender o processo de tradução necessário para que haja inteligibilidade entre a prática e os periféricos e como essa prática pode oxigenar as re-existências e os sentidos de comunidade para refletirmos sobre saúde integral periférica.

Enraizados no referencial decolonial e ao lado da metodologia da pesquisa-ação e entrevistas semi-estruturadas, o projeto vem, ainda em fase inicial, pesquisando iniciativas e sendo uma especificamente através do “Yoga marginal”, no qual pretende-se, mais do que ministrar aulas de yoga, mas ressignificar esse espaço elitizado e fazer repensar sobre os vários padrões de corpo que podem adentrar essa prática que tem como berço a África e tem como fundamento a união. O “Yoga marginal” vem também nesse caminho, de abrir possibilidades de reflexão sobre nossos corpos, nossa militância, nosso trabalho, nossos limites – momentâneos e nosso lugar, o território periférico (Santos, 2000). Nas margens do yoga, nossos caminhos buscam a liberdade e autonomia do corpo integral e integrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J. C. S. **Violência e religião na Baixada Fluminense: uma proposta teórico-metodológica**. Rio de Janeiro, n. 8, p. 59-82, set./dez. 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 2000

A QUÍMICA EM TUDO: UMA EXPOSIÇÃO INTERATIVA E INTERDISCIPLINAR DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Autores: Alessandra Paixão, Soares, Aline Ferreira dos Santos, Bianca da Luz Pereira, Camilla Lima Gonçalves, Ester S. B. Nascimento, Fernanda da Costa Silva, Gabriela Menezes de Araújo, Isabela Monteiro dos Santos, Lohrene de Lima da Silva, Luiza Helena Duarte Fernandes, Sarah Corrêa Moreira de Sequeira, Victor Hugo da Silva Rosendo, Adriana dos Santos Lages, Antônio Carlos de Oliveira Guerra, Edson Diniz Nóbrega Junior, Viviane Gomes Teixeira, Joaquim Fernando Mendez da Silva. Contato: lohrenelima@hotmail.com

A exposição “A química em tudo” é um espaço não-formal de divulgação científica montada permanentemente no Polo de Xistoquímica do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizado no *campus* da Ilha da Cidade Universitária. A exposição é associada ao Laboratório Didático de Química (Ladquim), um ambiente dedicado à formação docente através de atividades de ensino, pesquisa e extensão, integrando graduandos de diversas áreas do conhecimento. Dessa maneira, estes alunos atuam também como mediadores com o público no conjunto de oficinas, mostruários e atividades lúdicas que ocorrem na exposição em seções que versam sobre seis diferentes áreas. Estas áreas são divididas da seguinte maneira: 1) química e a história; 2) química e arte; 3) química e imagem; 4) química e conservação; 5) química e energia; e 6) química e saúde. De forma interligada, as seções buscam apresentar ao público um quadro contemporâneo das relações interdisciplinares na construção do conhecimento científico e, assim, promover a compreensão da importância da cultura científica para a promoção da cidadania e da equidade social nas sociedades democráticas. Inaugurada no final de 2018 e tendo como público alvo alunos e professores de química de escolas públicas de ensino fundamental e médio, a exposição teve, até hoje, um total de 264 visitantes. O espaço comporta um total de 60 visitantes ao mesmo tempo e a visita completa dura aproximadamente 2h.

Os resultados obtidos possuem relação com o grau de satisfação dos visitantes em participar das atividades e poder reconhecer a química no desenvolvimento científico, tecnológico e cultural de nossa sociedade. Além da exposição permanente, “A química em tudo” conta também com uma revista digital, página no Facebook e sua versão itinerante em escolas públicas do Rio de Janeiro. Todas essas ações buscam promover a difusão e popularização da química, além de despertar vocações científicas entre os alunos das escolas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA, V.; LEMOS, E.; SCHALL, V. **A contribuição do Museu da Vida para a educação não formal em saúde e ambiente: Uma proposta de produção de indicadores para elaboração de novas atividades educativas**, X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología em América Latina y el Caribe y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad”- San José, Costa Rica, del 9 al 11 de mayo, 2007.

EXPOSIÇÃO: “A HISTÓRIA DA CIÊNCIA DO BRASIL: O CAPÍTULO DO INSTITUTO DE BIOFÍSICA CARLOS CHAGAS FILHO” - A BIOGRAFIA DE PESQUISADORES INSPIRANDO FUTUROS CIENTISTAS.

Autoras: Karina Siciliano Oliva Saraiva, Érika Michelle Negreiros Gonçalves, Patrícia Danza Greco e Gabriella da Silva Mendes

Contato: karinassaraiva@gmail.com

O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), fundado em 2000, é reconhecido como lugar de memória (Nora, 1993), museu de história de ciência, espaço não formal de educação (2002) e museu universitário e localiza-se no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF, CCS, UFRJ). Marco dos setenta anos do IBCCF, a exposição “A história da ciência do Brasil: o capítulo do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho”, passou a integrar o projeto “Descobrimos a biofísica” que recebe alunos da educação básica para atividades de extensão universitária. Cabe destacar que a exposição foi inspirada no livro *Construtores do IBCCF*, vol. 1 (2015), de Wanderley de Souza, pesquisador e cientista do instituto.

40 alunos, divididos em grupos, visitam módulos que recontam os primórdios do IBCCF por meio do uso de tecnologias, biografias de cientistas e observação de equipamentos científicos do século passado. As atividades apresentam uma abordagem interativa e são conduzidas por mediadores (bolsistas da UFRJ) que recebem semanalmente grupos de estudantes de escolas públicas e privadas. Um paralelo com atualidade é realizado de modo que os alunos problematizem historicamente as rupturas e permanências ocorridas ao longo do tempo e espaço.

Na tentativa de aumentar o número de visitantes, estamos pensando em obter recursos para nova exposição. Com uma média de 1.100 estudantes agendados por ano, pretendemos manter ou até mesmo aumentar esse número. Vale destacar que, além disso, pretendemos ampliar parcerias internas e externas em termos de projetos e planos de ação que dialoguem e divulguem ainda mais ciência para um número ainda maior de alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARANDINO, M. **O mediador na educação não formal: algumas reflexões.** In: KOPTCKE, L. S.; VALENTE, M. E. A. (Orgs.). Caderno do Museu da Vida: o formal e o não formal na dimensão educativa do museu 2001/2002. Rio de Janeiro: Museu da Vida; Fiocruz, 2002. p. 21-36.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

“PRODUÇÃO” ARTÍSTICA E CULTURAL PELO CEDOC/EEAN/CCS/UFRJ

Autor: Augusto Brito Montano

Contato: augustomontano@gmail.com

A temática da saúde pode ser amplamente pesquisada para a produção artística e cultural como, por exemplo, o cinema. Tivemos o filme “Heleno”, estrelado por Rodrigo Santoro, no qual o Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery serviu de consulta (fontes sobre a História da Enfermagem). Esses subsídios informacionais que foram dados pela fontes primárias revelam o potencial da UFRJ na “produção” indireta artística e cultural. Essa experiência é apresentada a partir de um estudo de caso a partir de um projeto de mediação em espaço cultural, o Centro de documentação da Escola de enfermagem Anna Nery, que engloba “Museu, Biblioteca e Arquivo”. A pesquisadora “X” que trabalhou na produção do Filme “Heleno” (2012) necessitou consultar o banco de imagens fotográficas do Cedoc para a confecção de indumentária de profissionais da saúde (enfermagem, principalmente) (década/40). Outro pesquisador “Y” da área de Medicina procurava por uma ex-aluna da EEAN na década de 30. Achamos registro dela na caixa dos alunos “excluídos”. Ele confeccionou um livro de biografia dela (ela tornou-se artística plástica). Sendo assim são várias as possibilidades de mediação em equipamentos culturais como Museus, Bibliotecas, Arquivos e Centro de Documentação. Esses espaços permitem que a UFRJ seja considerada, indiretamente, criadora dessas obras cinematográficas e literárias citadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Adriana. **Mediação da Informação e estudo de usuários: interrelações**. In Cid: R. Ribeirão Preto. V.3. nº. 1.Jan./Jun.2012.

LAHERA, Yohannis Martí. **Cultura Informacional: Nuevas implicaciones par la formación informativa**. Ciências de la Información. La Havana, vol.34. nº 1, abril, 2003.

MONTANO, Augusto Brito. **Relatórios Cedoc 2008-2012**. Escola de enfermagem Anna Nery. UFRJ. 2012.

UM PROJETO DE EDUCAÇÃO MUSEAL E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CONSTRUINDO PONTES ENTRE O ESPAÇO MEMORIAL CARLOS CHAGAS FILHO E A ESCOLA.

Autores: Gabriella da Silva Mendes, Érika Negreiros, Karina Saraiva, Patrícia Danza Greco, Thaís Patrícia Mancílio, Pedro Henrique Boninni, Humberto Martins de Souza, Vinícius Valentino, Matheus Alves Cavalcanti.

Contato: gabiufrj1@gmail.com

O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), desde sua inauguração em 2000, empreende esforços na preservação e divulgação da memória do notável cientista Carlos Chagas Filho e do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) fundado por ele em 1945. Em 2015, ano no qual o instituto comemorou 70 anos, foi inaugurada no EMCCF a exposição “A história da ciência do Brasil: o capítulo do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho”, na qual, através de uma abordagem interativa, remontam-se os primórdios do Instituto através do reconhecimento das áreas de pesquisa e de alguns dos principais cientistas que a ele deram contribuições inestimáveis.

Desde a sua inauguração, pelo projeto “Descobrimos a biofísica”, o museu recebe semanalmente e pelo menos uma vez por semana, cerca de 40 alunos (principalmente oriundos de escolas públicas do Rio de Janeiro), em ônibus fornecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No intuito de perceber como os espaços museológicos desse tipo são fundamentais para a manutenção da memória e para a extensão universitária, é importante que se criem parâmetros avaliativos para perceber o impacto sobre os diferentes públicos que o frequentam, compreender seus interesses e expectativas, produzir conhecimento e se remodelar de acordo com as demandas sociais percebidas.

O presente trabalho objetiva-se a avaliar as novas estratégias utilizadas na mediação da exposição, a partir das percepções dos alunos, atrelada a um debate teórico-metodológico no qual se privilegiam as discussões acerca da divulgação científica e a função social de museus e centros de ciências, com as discussões feitas entre este espaço de educação não-formal (museu) e o espaço de educação formal (escola). Como resultado esperado, tentaremos desenvolver um protocolo de atuação entre o Museu EMCCF e o espaço escolar, com laços que visem favorecer a construção de novos conhecimentos com os estudantes. Inicialmente é possível apontar que as atividades interativas e os experimentos realizados durante a visita são fundamentais na captação da atenção dos alunos que, em uma abordagem dialógica, fomentam os debates com suas experiências de vida e conhecimentos prévios.

Com o retorno ao ambiente escolar, como primeiro resultado já podemos mencionar que o museu EMCCF conseguiu realizar uma parceria desenvolvendo oficinas, atividades científicas e feiras de ciências, construindo um novo projeto que será apresentado para outros ambientes escolares, tanto públicos, quanto privados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORA, M. C. S. **Diversos enfoques sobre as visitas guiadas nos museus de ciência.** In: MASSARANI, Luisa; MERZAGORA, Matteo; RODARI, Paola (orgs.). *Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência.* Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007, p. 21- 26. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Mediacao_final.pdf> Acesso em: 10 Jan. 2015.

AVALIAÇÃO DE ATIVOS INTANGÍVEIS COMO PERSPECTIVA SOBRE VALOR NA CULTURA

Autora: Daniele Cristina Dantas

Contato: danielecdantas@gmail.com

Na gestão e políticas culturais contemporâneas, os interesses em evidenciar o lugar estratégico do campo nos contextos econômico e simbólico trazem os ativos culturais como tradutores de valor. Com desafios para a verificação de fatores que se apresentem como melhores tradutores da construção de valor na cultura, a pesquisa objetiva identificar tais fatores a partir da avaliação dos intangíveis pela lógica dos Capitais do Conhecimento.

Reconhece-se a importância dos fluxos de informação e produção de conhecimento como identificadores e produtores de valor (MARAZZI, 2009), com implicações objetivas no campo das artes e cultura. No modelo dos Capitais do Conhecimento, a avaliação desses fatores é feita em um contexto sinérgico de produção de riquezas, a partir da interação entre seus capitais: a saber: ambiental, intelectual, estrutural e de relacionamento (CAVALCANTI *et.al.*, 2001).

A investigação encaminha à compreensão do valor dos ativos culturais, através da avaliação dos seus fluxos de informação como variáveis centrais, orientandos por dinâmicas de fatores conjugados e interconectados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Marcos, GOMES, Elisabeth, PEREIRA, André. **Gestão de Empresas na Sociedade do Conhecimento: um roteiro para a ação.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MARAZZI, Christian. **O lugar das meias.** A virada linguística da economia e seus efeitos sobre a política. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.

DECULT E NAPROCULT: REDES PARA O PROTAGONISMO ARTÍSTICO-CULTURAL ESTUDANTIL NA UFRJ

Autores: Lia Vieira Ramalho Bastos, Jéssica Suzano Luzes, Marize Figueira de Souza, Bruno Mattos da Silva, Ricardo da Silva Passos, Leandro da Silva Fernandes, Rosilene Leandro Ramos, Tiago Siqueira da Silva, Joana Milli dos Santos da Silva.

Contato: lia.v.bastos@gmail.com

A UFRJ, ciente de seu papel de extrema relevância em relação à produção cultural, tem atentado sobre a necessidade de posicionar a política cultural da universidade em relação a princípios relacionados à democratização do conhecimento e da produção artística. Em vista disso, a Divisão de Esporte, Cultura e Lazer/PR7, amparada pelo PNAES e “Você faz cultura”, vem promovendo ações que se destinam a ser um canal entre os estudantes envolvidos diretamente com ações culturais, a Decult e o conjunto do corpo estudantil.

Atualmente, o edital de apoio a eventos do estudante se configura como uma forma de estímulo à produção artística e cultural na universidade, aprovando financiamentos específicos para ações planejadas pelos estudantes ao longo dos semestres. Ao buscar ampliar esse canal de diálogo entre a UFRJ e seus discentes, a Decult propôs oficinas de elaboração de projetos e lançou em 2019 o mapeamento das atividades artístico-culturais dos estudantes da UFRJ - Mapaculte.

Para fortalecer essas ações, foi estabelecida uma parceria entre a Decult e o Núcleo de Apoio à Produção Cultural/PR5. O NAPROCULT, criado em 2018, surgiu para suprir a demanda de agentes e produtores culturais de toda a comunidade que realizam ou almejam realizar produções artístico-culturais e necessitam de consultoria para potencializar suas ações. Com foco em artistas, estudantes, professores, técnicos administrativos, coletivos, movimentos sociais e agentes culturais, o NAPROCULT procura fornecer suporte especializado na orientação de elaboração de projetos, captação de recursos, produção executiva e prestação de contas.

Esta parceria entre Decult e NAPROCULT no desenvolvimento das oficinas, em conjunto ao edital e ao mapeamento, visa uma maior aproximação com o discente por meio de oficinas de fluxo contínuo e abertura ao diálogo. Propõe estabelecer uma agenda cultural composta por ações exclusivamente desenvolvidas pelos discentes e assim estimular sua autonomia e o protagonismo cultural na UFRJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010.** Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil — PNAES. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm>.

UFRJ. **Política Cultural, Artística e de Difusão Científico-Cultural para a UFRJ. Revista Você Faz Cultura.** 2012. Disponível em: http://www.forum.ufrj.br/images/_forumcc/pdf_e_odt/revista_voce_faz_cultura_final_web.pdf.

DIFUSÃO E MEMÓRIA DAS PESQUISAS DE ESTUDANTES DE HISTÓRIA DA ARTE EBA/UFRJ

Autores: Aline Couri Fabião e Karolinny Rosa de Brito da Rocha (EBA/UFRJ)

Contato: alinecouri@eba.ufrj.br

A utilização de blogs como ferramentas de ensino, escrita e difusão de trabalhos e pesquisas de estudantes da Escola de Belas Artes (geralmente do Curso de História da Arte) partiu da ética hacker, principalmente o princípio de compartilhamento. Boas ideias e soluções relevantes devem ser arquivadas em meio de fácil acesso, permitindo a construção coletiva de saberes comuns. A escrita coletiva inclui os *posts*, os comentários e as discussões geradas. Incentiva diálogo horizontal (*peer-to-peer*) de aprendizagem, é possível aprender tanto com a professora quanto com a turma. Além disso, é também um modo de apresentar noções sobre banco de dados e sua estética. Os blogs relativos a cada disciplina são apresentados às turmas no primeiro dia de aula. Convites são enviados para que xs estudantes sejam autores dessa escrita hipertextual coletiva. São enfatizadas as particularidades desse tipo de escrita. Em cinco anos deste trabalho, verifica-se que xs estudantes continuam acessando os blogs em pesquisas futuras e o acesso de público fora da universidade. Tornam-se memória exteriorizada das pesquisas realizadas no âmbito da Escola de Belas Artes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICASLevy, Steven. *Hackers. Heroes of the computer revolution*. Nova York: Penguin Books, 1994.Manovich, lev. **Database as symbolic form**. *Convergence*, vol. 5, nº 2, June 1999, pp. 80–99, doi: 10.1177/135485659900500206.Arte, mídias e tecnologias. Blog da disciplina. Disponível em: <https://artemidiastec.wordpress.com/>.Historia das artes visuais 1. Blog da disciplina. Disponível em: <https://hav120151.wordpress.com/>Informática e história da arte. Blog da disciplina. Disponível em: <https://informaticaha.wordpress.com/>

DISCUSSÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL DO SÉC. XXI

Autora: Eliete Vasconcelos Gonçalves

Contato: elietevg@gmail.com

As políticas educacionais são determinantes para o rumo da educação e conseqüentemente para o desenvolvimento humano e cultural de qualquer sociedade. Por meio das políticas públicas são eleitas as prioridades da educação e os campos de importância para o valor de cada área de conhecimento nesse contexto. Apesar de estarmos em constante disputa pleiteando mais espaços nas políticas educacionais, ainda são poucos os espaços ocupados por pesquisadores da área que busquem interferir de maneira incisiva, o que resulta numa escassa participação e sugestão de políticas que levem a educação musical a participar mais efetivamente das diversas instâncias de valorização que essas políticas possam trazer à área. A subvalorização da música e da educação musical na sociedade e nas escolas em parte se dá pela incipiente legislação que valide sua importância junto à sociedade e pela sua ausência em políticas avaliativas educacionais. Uma atuação mais sólida e incisiva de movimentos que busquem discutir, refletir e efetivar essas políticas na legislação vigente do país pode ser importante para uma mudança mais efetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª Ed. 1998.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **A educação musical no Brasil do século XXI: articulações do ensino de música com as políticas brasileiras de avaliação educacional**. Revista da Abem. Londrina, v.20, no. 28, p.35 – 46. 2012.

ESCRITÓRIO DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Autor: Daniel Ruiz Romano

Contato: danielruiz@forum.ufrj.br

Com o objetivo de viabilizar a implementação e a continuidade dos programas, projetos e ações previstos na Política Cultural, Artística e de Difusão Científica-Cultural da UFRJ, aprovada no Conselho Universitário em 28 de agosto de 2014, sob a coordenação do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, assim como minimizar riscos financeiros e orçamentários, apresentamos o projeto do escritório de relações institucionais e captação de recursos. Trata-se de uma estrutura auxiliar a Coordenação do FCC focada na obtenção de recursos financeiros, humanos, de infraestrutura, comunicacionais e de outra sorte para os projetos artísticos e culturais da UFRJ. As ações do escritório, entre outras, preveem a pesquisa constante de novas possibilidades de receita, a elaboração e inscrição de projetos em leis de incentivo e editais.

Apoiar a promoção das iniciativas voltadas para a implementação da Política Cultural, Artística e de Difusão Científica da UFRJ, de modo a viabilizar a continuidade a longo prazo de seus projetos e a ampliação de seu campo de atuação. Centralizar os esforços de captação de recursos para projetos culturais da universidade respeitando a autonomia das unidades e grupos artísticos da UFRJ de buscarem seus próprios recursos, conquistados por vias próprias. O ERIC é o instrumento pelo qual o Fórum de Ciência e Cultura convida a comunidade universitária e a sociedade em geral a participar de dos mecanismos de financiamento e obtenção de recursos para a cultura da UFRJ na busca pela garantia de direitos promovidos por esta instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UFRJ. **Você Faz Cultura**. Disponível em: http://www.forum.ufrj.br/images/_forumcc/pdf_e_odt/revista_voce_faz_cultura_final_web.pdf. Acesso em 25 de fev. de 2019.

FESTIVAL INTERUNIVERSITÁRIO DE CULTURA – FESTFIC-RJ

Autora: Julia Lima

Contato: julialima@forum.ufrj.br

O Festival Interuniversitário de Cultura do Rio de Janeiro (Fest FIC-RJ) é um festival bianual realizado com o objetivo de difundir e promover as atividades artísticas, culturais e científicas produzidas pelas instituições públicas de ensino superior integrantes do Fórum Interuniversitário de Cultura. Desde sua emergência como iniciativa do FIC, o Festival já teve duas edições, uma no ano de 2015 e outra no ano de 2017. Em sua I edição o Festival contemplou, durante 11 dias, cerca de 400 atividades que ocuparam 60 equipamentos culturais, distribuídos em 19 municípios do estado do Rio de Janeiro. Já a segunda edição contou com cerca de 240 atividades desenvolvidas em 9 municípios do Estado, ocupando 42 equipamentos culturais públicos. A III edição do evento está programada para junho de 2019. A programação oferece ao público atividades que contemplam múltiplas linguagens e formas de expressão proporcionando a oportunidade de intercâmbio entre a arte produzida na academia e a produzida nas cidades em que se encontram estas Instituições.

Apresentando características particulares a cada biênio, o Festival Interuniversitário de Cultura permite que esforços do FIC na implementação de políticas públicas de cultura sejam compartilhados com um público amplo. A iniciativa também fortalece interseções de saberes que possibilitam formalizar práticas pedagógicas e conhecimentos não acadêmicos, além de também impulsionar de forma substancial a formação de profissionais atuantes na gestão e difusão cultural, artística e científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UFRJ. **Você Faz Cultura**. Disponível em: http://www.forum.ufrj.br/images/_forumcc/pdf_e_odt/revista_voce_faz_cultura_final_web.pdf. Acesso em 25 de fev. de 2019.

NÚCLEO DE APOIO À PRODUÇÃO CULTURAL DA UFRJ (NAPROCULT) - A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ENQUANTO ESPAÇO DE POTÊNCIA PARA A ARTICULAÇÃO DE AÇÕES CULTURAIS DENTRO E FORA DA UNIVERSIDADE

Autora: Marize Figueira de Souza

Contato: marizefigueira@pr5.ufrj.br

O Núcleo de Apoio à Produção Cultural da UFRJ (NAPROCULT/UFRJ) é um projeto de extensão, criado em 2018, que busca contribuir com a qualificação técnica de ações artístico-culturais, em desenvolvimento ou em processo de concepção, propostas por diferentes agentes culturais como artistas, coletivos, movimentos sociais, produtores e gestores culturais, das mais diversas realidades de atuação.

A partir de orientações e consultorias gratuitas em elaboração de projetos culturais, captação de recursos, produção executiva e prestação de contas, o NAPROCULT possibilita um espaço de trocas e compartilhamentos de experiências, práticas e saberes no campo da Produção e Gestão Cultural. Nota-se que apesar da recente implementação do NAPROCULT/UFRJ, o projeto já sinaliza algumas contribuições interessantes na articulação de redes e potenciais parcerias, como o apoio da Comissão de Cultura da ALERJ e a parceria com a Secretaria de Cultura de Paraty. Ressalta-se ainda o alcance interdisciplinar e capilarizado que a experiência vem apresentando também dentro da própria UFRJ. O projeto já realizou diálogos com estudantes, professores e técnicos administrativos das mais diversas áreas do conhecimento como Nanotecnologia, Dança e Arquitetura, bem como de diferentes unidades e espaços da universidade como TIC/UFRJ, PR2, CoordCom/UFRJ, Instituto de Economia, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Maria Helena Meloda. **Gestão Cultural: profissão em formação**-Belo Horizonte. Duo Editorial, 2007.

PROART - A EXPERIÊNCIA DE IMPLANTAR UMA POLÍTICA DE APOIO ÀS ARTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Autora: Patrícia Pizzigatti Klein

Contato: patricia.klein@forum.ufrj.br

Em 2014, o Conselho Universitário da UFRJ aprovou sua primeira política cultural, artística e de difusão científico-cultural, consubstanciada no documento *Você Faz Cultura*. Dentre as várias metas propostas, havia a necessidade de se criar um programa permanente de apoio às artes. Assim, em 2015, foi criado o PROART – Programa de Apoio às Artes e, em 2016, foi lançado o primeiro edital de fomento. A partir de janeiro de 2017, onze GARINs iniciaram as atividades para execução de seus planos de trabalho. Individualmente, cada um dos Grupos tinha a sua própria lógica de produção e funcionamento, com exceção da administração financeira, que era gerida e unificada pelo FCC. Toda a execução do PROART seguiu os procedimentos burocráticos da Administração Pública e atendeu às exigências da Lei 8.666, como a transparência em processos de contratação, bem como a relatoria e prestação de conta de serviços executados. A continuidade do programa deve se basear também num entendimento interno institucional. Torna-se primordial que a UFRJ consiga aprimorar e seguir na implantação da Política Cultural, Artística e de Difusão Científico-Cultural. Isso também deve se traduzir em recursos orçamentários da própria instituição.

Durante o ano de 2018 foi realizado um amplo processo de consulta e discussão representantes dos Grupos, do Fórum de Ciência e Cultura e da Reitoria a fim de estabelecer uma dotação no Orçamento da UFRJ, recurso permanente, que assegure a continuidade do PROART.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UFRJ. **Você Faz Cultura**. Disponível em: http://www.forum.ufrj.br/images/_forumcc/pdf_e_odt/revista_voce_faz_cultura_final_web.pdf. Acesso em 25 de fev. de 2019.

SECULT - SETOR DE CULTURA, COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRJ

Autor: Gabriel Cid de Garcia e Bianca Rodrigues Pinheiro

Contato: gcidgarcia@gmail.com

No plano diretor da UFRJ, foi destacada a vocação da universidade como polo de difusão cultural, artístico e científico. O Secult da Faculdade de Educação da UFRJ atua como um polo de produção, sensibilização, circulação e divulgação de ideias em variados suportes, mobilizando a comunidade acadêmica e o público geral para as dimensões transformadoras da arte, da ciência e da cultura. Aprovado em novembro de 2016, o Secult tem como um de seus objetivos a colaboração com a formação de políticas de cultura e divulgação científica e cultural para UFRJ. Suas ações se voltam para a coordenação de projetos e a criação de espaços de reflexão sobre arte, educação, cultura; atividades ligadas à comunicação e mídias digitais, colaboração com organização de eventos acadêmicos e culturais, além de outras atividades. Entendendo a cultura como dimensão englobante da vida e da ação humana, trata-se de situar as práticas e expressões culturais de modo integrado à educação, como possuidoras de saberes e métodos próprios, capazes de produzir simultaneamente afetos e conhecimentos, problematizando a verticalidade hierárquica das tradicionais separações entre ciência, educação e cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUCHE, Denys. **Anoção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
OLIVEIRA, R. S. M., “**Divagar, além mar**”. In: DIAS, S., MARQUES, D., AMORIM, A. C. (Orgs.). **Conexões Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e...** Petrópolis, RJ: De Petrus, 2012.

EIXOS PROPOSTOS

1 - ARTE E CIÊNCIAS - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que abordem as relações entre artes e ciências, seja sob o enfoque da criação artística per si, seja através da utilização de novas tecnologias. Também foram aceitos trabalhos de caráter inter, trans e multidisciplinar que refletissem sobre a divulgação científica através das artes.

2 - ARTE, CRIAÇÃO E DIFUSÃO - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que contemplassem as discussões teórico-práticas das artes em geral, evidenciando os processos de criação e circulação, de forma conjunta ou não, assim como o fazer artístico e os desafios de sua difusão, as perspectivas de fomento e sustentabilidade e as questões sobre a formação de público/plateia.

3 - ARTE, CULTURAS POPULARES E SABERES TRADICIONAIS - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que contemplassem o popular não apenas como reminiscência ou símbolo de tradição, mas também em suas versões contemporâneas, propiciando um diálogo multi, inter e transdisciplinar que discutisse as estéticas espontâneas. Buscava-se ainda iniciativas que contemplassem a promoção do intercâmbio entre saberes tradicionais – tais como os saberes indígenas, quilombolas e de outras comunidades – e o formalismo acadêmico, de modo a construir uma aproximação horizontal, não hierárquica.

4 - ARTE, CULTURA E TECNOLOGIA - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que envolvessem as múltiplas formas de articulação entre as artes e os processos e expressões culturais, de um lado, e as tecnologias, analógicas ou digitais, particularmente aquelas práticas e experiências que tenham centralidade na utilização de mídias digitais.

5 - ARTE E HISTÓRIA - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que contemplassem a arte em geral e a arte brasileira, especialmente, a produção acadêmica multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar em que se entrecruzam a História da Arte e as Ciências Sociais que analisassem o fenômeno artístico e a produção artística do passado e do presente.

6 - ARTES, IDENTIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que contemplassem as discussões teórico-práticas da produção artística em suas diferentes linguagens, que dialogassem com a promoção ou deslocamentos de identidades ou dos múltiplos de uma cultura na perspectiva da diversidade cultural.

7 - ENSINO DE ARTES: EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO SUPERIOR - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que contemplassem as discussões teórico-práticas do processo de ensino e aprendizagem em artes, em suas diversas habilitações, assim como metodologias, práticas pedagógicas e parâmetros curriculares, nos segmentos da educação básica e ensino superior.

8 - INCLUSÃO, ACESSIBILIDADE E CIDADANIA CULTURAL - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que contemplassem as discussões teórico-práticas sobre a promoção da cidadania cultural para diferentes grupos identitários e segmentos culturais historicamente excluídos, assim como ações,

programas e projetos culturais que promovam a democratização cultural, seja na perspectiva de produção artística e cultural bem como dos direitos de fruição a diferentes conteúdos culturais.

9 - INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E ESPAÇO URBANO - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que trouxessem reflexões sobre o papel das artes nos nossos cotidianos e a sua dessacralização e seu potencial para provocar estranhamentos e deslocamentos em nossas maneiras de estar nos lugares.

10 - JUVENTUDE, CULTURA POPULAR E PERIFERIA - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que registrassem ou propusessem experiências e discussões sobre as juventudes, com recorte na pluralidade e nas diferenças culturais, sociais, raciais, territoriais e de gênero, em destaque as produções e construções identitárias na sociedade contemporânea.

11 - MEDIAÇÃO EM ESPAÇOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que promovessem a reflexão e desenvolvimento de práticas de mediação cultural e artística em equipamentos culturais, bem como iniciativas que contemplassem as práticas socioculturais e artísticas realizadas em parceria com movimentos sociais e organizações não governamentais.

12 - POLÍTICA, GESTÃO, PRODUÇÃO E DIFUSÃO DA CULTURA - Iniciativas de ensino, pesquisa e/ou extensão que oferecessem reflexões sobre a gestão pública da cultura no ambiente universitário ou a partir dele, sobre o estímulo à difusão das artes, bem como a divulgação do saber científico-cultural e a promoção dos direitos culturais.

PROGRAMAÇÃO FINAL COMPLETA

Dia 03/06/2019

9h às 9h30: Apresentação Quinteto Experimental de Sopros

9h30 às 11h: Mesa de Abertura: Arte e Cultura na Universidade em Tempos de Cólera

- Prof. Roberto Leher (Reitor da UFRJ)
- Profa. Denise Carvalho (Reitora eleita da UFRJ)
- Prof. Carlos Vainer (Coordenador do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ)

11h15 às 12h15: O Fórum Interuniversitário de Cultura do Rio de Janeiro

- Prof. Roberto Leher (Reitor da UFRJ)
- Reitores e representantes das instituições públicas de ensino superior que integram do FIC – Fórum Interuniversitário de Cultura do Rio de Janeiro

14h30 às 16h: Reunião Pública: Cultura, Política Cultural e Universidade

- Ana Luisa Lima (Produção Cultural/IFRJ)
- Jonas Defante (IFFluminense)
- Lia Calabre (PPGMA-FCRB),
- Simonne Teixeira (Casa de Cultura Villa Maria/UENF)
- Patricia Dorneles (UFRJ)

Dia 04/06/2019

10h: Mesa: Arte e Ciência

- Anunciata Sawada (Fiocruz)
- Corinne Arrouvel (IQ/UFRJ)
- João Silveira (Harvard/Fiocruz)
- Isabel Azevedo (Casa da Ciência/UFRJ)
- Luciane Correia (Casa da Ciência/UFRJ)

13h30 às 15h: Reunião Pública: Criação, circulação e difusão em artes na UFRJ

- Andrea Adour (EM/UFRJ)
- Jacyan Oliveira (ECO/UFRJ)
- Jorge Soledar (EBA/UFRJ)
- Tatiana Damasceno (EEFD/UFRJ)

15h30 às 17h30: Rodas de Conversa – Intercâmbios entre as iniciativas inscritas

Salão Moniz de Aragão – Palácio Universitário

Eixos Temáticos: Artes e Ciências e Arte, Cultura e Tecnologia

Salão Dourado – Palácio Universitário

Eixos Temáticos: Intervenções Artísticas e Espaço Urbano e Artes, Identidade e Diversidade Cultural

Dia 05/06/2019

10h às 12h: III Encontro de Saberes da UFRJ

Mesa: Saberes Tradicionais e Populares na UFRJ

- Frank Wilson (EEFD/UFRJ)
- Sergio Álvares (EM/UFRJ)
- Chico Alencar (UC/UFRJ)

13h30 às 15h: Rodas de Conversa – Intercâmbios entre as iniciativas inscritas

Salão Moniz de Aragão – Palácio Universitário

Eixos Temáticos: Arte, Criação e Difusão e Política, Gestão, Produção e Difusão

Salão Dourado – Palácio Universitário

Eixos Temáticos: Arte, Culturas Populares e Saberes Tradicionais e Juventude, Cultura Popular e Periferia

15h30 às 17h30: II Encontro de Gestores e Produtores Culturais da UFRJ

Dia 06/06/2019

9h às 12h: Laboratório de Educação Musical da UFRJ

- Sergio Álvares (EM/UFRJ) e Sôdade Brasilis (Garin)

10h às 12h: Mesa: O Processo de Construção de uma Rádio Pública Universitária

- Núcleo de Rádio e TV (FCC/UFRJ)

13h30 às 15h: Mesa: Acervos e Museus na UFRJ: desafios e papel da universidade

- Paula Mello (SIBI/UFRJ)
- Silvia Lhamas (SIARQ/UFRJ)
- Cláudia Carvalho (SIMAP/UFRJ)

Mediação: Mario Chagas (Museu da República)

15h30 às 17h30: Rodas de Conversa – Intercâmbios entre as iniciativas inscritas

Salão Moniz de Aragão – Palácio Universitário

Eixos Temáticos: Mediação em Espaços Culturais e Inclusão, Acessibilidade e Cidadania Cultural

Salão Dourado – Palácio Universitário

Eixos Temáticos: Arte e História e Ensino de Artes: Educação Básica e Ensino Superior

Dia 07/06/2019

Salão Pedro Calmon – Palácio Universitário

10h às 12h: Mesa: Arte e Cidade

- Carlos Vainer – Coordenador do Fórum de Ciência e Cultura (UFRJ)
- Fernanda Sánchez – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFF)
- Renato Emerson – Inst. de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (UFRJ)
- Guilherme Aderaldo – Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (USP)

13h30 às 15h: Avaliação da Política Cultural da UFRJ

Breve balanço da Política Cultural, Artística e de Difusão Científico-Cultural da UFRJ Plano de Ação 2017-2019

15h às 17h30: Plenária Final

Proposição para o Plano de Ação 2019-2022

